

#10(1) / 2015

PROSOPON

ISSN 1730-0266

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ HUMANISTYKI
I NAUK SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE | EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES



Instytut Studiów Międzynarodowy
i Edukacji w Warszawie

10 (1) / 2015

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ
HUMANISTYKI I NAUK
SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE
EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES

INSTYTUT STUDIÓW MIEDZYNARODOWYCH I EDUKACJI HUMANUM, PTOKHA INSTITUTE
FOR DEMOGRAPHY AND SOCIAL STUDIES OF NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES OF UKRAINE,
INTERNATIONAL SCHOOL OF MANAGEMENT IN PREŠOV (SLOVAKIA)

KOLEGIUM REDAKCYJNE | Editorial boards:

Redaktor Naczelny / Chief Editor

Prof. zw. dr hab. Wojciech Słomski

Sekretarz redakcji / Assistant editor:

dr Sławomira Lisewska

REDAKTORZY TEMATYCZNI | Section Editors:

Prof. nzw. dr hab. Bronisław Burlikowski,
burlikowski@vizja.pl; Prof. nzw. dr hab. Henryk Piluś,
pilus@vizja.pl; Dr hab. Anna Wawronkiewicz-Słomska,
a.wawronkiewicz@op.pl

REDAKTORZY JĘZYKOWI | Language Editors:

Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru

Prof. Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru

Dr Juraj Žiak – język angielski i słowacki, ziaik.juraj@gmail.com

Prof. Ramiro Delio Borges de Meneses – język, angielski,
hiszpański i portugalski, borges272@gmail.com

Mgr Marcin Szawiel – język polski, marcin.szawiel@wp.pl

Mgr Martin Laczek – język angielski, martin.laczek@yahoo.co.uk

Mgr Artur Brudnicki – język angielski i francuski
artur.brudnicki@gmail.com

REDAKTOR STATYSTYCZNY I TECHNICZNY | Statistical Editor:
Kiejszt Szymański

OPRACOWANIE GRAFICZNE, SKŁAD I LAMANIE | Graphic design:
Fedir Nazarchuk

Adres redakcji i wydawcy | Publisher: Instytut Studiów Międzynarodowych i Edukacji Humanum,
ul. Złota 61, lok. 101, 00-819 Warszawa www.humanum.org.pl / Printed in Poland

Co-editor – International School of Management in Prešov (Slovakia)

© Copyright by The authors of individual text

ŻADEN FRAGMENT TEJ PUBLIKACJI NIE MOŻE BYĆ REPRODUKOWANY, UMIESZCZANY W SYSTEMACH PRZEHOWYWANIA INFORMACJI LUB PRZEKAZYWANY
W JAKIEJKOLWIEK FORMIE – ELEKTRONICZNEJ, MECHANICZNEJ, FOTOKOPII CZY INNYCH REPRODUKCJI – BEZ ZGODNY POSIADACZA PRAW AUTORSKICH

WERSJA WYDANIA PAPIEROWEGO PROSOPON. EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE JEST WERSJĄ GŁÓWNA WWW.PROSOPAN.PL

ISSN 1730-0266

Czasopismo punktowane Ministerstwa Nauki i Szkolnictwa Wyższego w Polsce. Lista B, 6 pkt, poz. 1365
The magazine scored by Ministry of Science and Higher Education in Poland. List B, 6 points, pos. 1365

10 (1) / 2015

Prosopon

Europejskie Studia Społeczno-Humanistyczne

Wydawca / Publisher:

Instytut Studiów
Międzynarodowych
i Edukacji HUMANUM
www.humanum.org.pl



10 (1) 2015

ISSN 1730-0266

COPYRIGHT © 2014 BY
PROSOPON
ALL RIGHTS RESERVED

Spis treści

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES: In Amati Lusitani tempore Radix Chinae	5
RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES: BIOTECNOLOGIA: Da filosofia à teologia	13
ANTÓNIO CARNEIRO TORRES LIMA,	23
RAMIRO DÉLIO BORGES MENESES: A criança, a morte e a educação tanatológica	
MARIAN SZOŁUCHA: Sytuacja i perspektywy rynku podręczników w Polsce	35

Prosopon

Europejskie Studia Społeczno-Humanistyczne

Wydawca / Publisher:
Instytut Studiów
Międzynarodowych
i Edukacji HUMANUM
www.humanum.org.pl

10 (1) 2015
ISSN 1730-0266



COPYRIGHT © 2014 BY
PROSOPON
ALL RIGHTS RESERVED

Ramiro Délio Borges de Meneses

Professor do Instituto Superior de Ciências da Saúde-
Gandra(Paredes), Portugal
E-mail: ramiro.meneses@ipsn.cespu.pt

In Amati Lusitani tempore Radix Chinae

Abstract

Amatus Lusitanus makes know to the phitological science the Radix Chinorum species, according to the narration 119 of *Dioscoridis de Medica Materia*. Nevertheless Radix Chineae shines only in the clinical activity forthy years old, because the salsaparilla replaces this plant by efficiency of Spain.

Key words: *Radix Chineae* and the medical material.

INTRODUÇÃO

J oão Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568), com o cognome hebraico de Amato Lusitano, ficara conhecido, para a posteridade, (como grande figura da medicina portuguesa de quinhentos,) pelos seus feitos clínicos e pelas obras de medicina, que nos legara, ligadas à Farmacognosia e à Botânica, passando pela Terapêutica.

Assim, analizaremos os textos de Amato Lusitano referentes à “Raíz da China”, procurando saber porque razão tal mezinhanha durou tão pouco tempo no mercado farmacêutico de antanho, momento em que Portugal se projectou na façanha dos Descobrimentos.

1. RADIX CHINAE NO DIOSCORIDIS DE MEDICA MATERIA:

De todas as obras de Amato Lusitano, a única que se ficou pela primeira edição, vindo à estampa em 1536, publicara-se em Antuérpia, com o nome de *Index Dioscoridis*, subscrita com o nome de registo: Joanne Roderico Caste Halbi (*lusitano autore*). Esta obra representa encómio histórica, colocando o seu autor na pleiade dos primeiros comentadores de Botânica e de Terapêutica da época.

Assim, na edição de Veneza, (1553), *Apud Joradanum Zilletum*, na Enarratio CIV, lê-se: “*Non minus quoque harundinibus adiugendae sunt radices hodie e Cinnarum*

regione, ab Indis aductae, quas contra morbum gallicum valere, omnes dicunt et illis contra podagram, Carolus quintus Imperator, authoritatem dedit, de quarum viribus prostat libellus ubique; venalis, per doctissimum Andream Vesalium Bruxellensem conscriptus tibi vero lector caput de ebeno legere ne pigeat.¹

Em várias edições, a referência à *Radix Chinalae* surge integrada no *De Harundine (calamus harundo)*. Na edição de Leão, 1558, *Apud Theobaldum Paganum*, o texto relativo à “raíz da china” é apresentado na página 141.

Cristóvão da Costa, contemporâneo de Amato Lusitano, na sua obra sobre as drogas da Índia Oriental, salienta que este incluiu o pau dos portugueses nos “*calami*”.

² Por tal comentário, sabemos que este utilizou para estudo o *Dioscoridis* na edição de 1558, *Apud Theobaldum Paganum, Lugduni*, (existindo um exemplar desta edição na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra).

Amato Lusitano, neste texto latino, refere explicitamente a utilidade terapêutica da mezinha, com a qual A. Vesálio tratou o Imperador Carlos V, mas aconselha nas Centurias que A. Vesálio não realize considerações, sobre tal planta, sem primeiro ouvir os portugueses, que nisto aprenderam dos chineses: “... a paucis quod sciam, parum aut nihil traditum sit placet, sermonum agere et eo magis quia Andreas Vesalius superioribus diebus libellum ...”.³

Porém, o texto mais significativo sobre a *Radix Chinalae*, que se repete em várias edições, com as mesmas palavras, e sempre a terminar as considerações morfológicas, terapêuticas e descritivas do *De Ebeno*, é narrado no livro primeiro do *Dioscoridis*, edição de Veneza (1553), *Apud Gualterum Scotum*. O estudo sobre a Raiz da China inclui-se na página 119, na Enarratio 119 – *secunda species ebeni (lignum guaiacum)*, chamado popularmente: “lenho das antilhas ou pau santo”. Assim, transcrevemos, na íntegra, o texto latino referente à nossa mezinha, segundo a edição de Veneza (1553). “*Est quoque hodie radix quaedam subtilis quam quoque ex Peru prouincia superioribus annis repartam, Hispani adferre coeperunt, et eam Sarcamparrillam, sua uoce appellant, quod uerbum ego rubrum uiticosam uerterem, ad multos usus accommodatam, de cuius laudibus, non deerit quoque qui encomium nobis describat. Radicem Chynarum capite de calamis attigimus, de qua nos plura in lucem Deo duce mittemus*”.⁴

Em duas edições, publicadas em 1558, em Lião, em editoras diferentes, respectivamente; *Apud Mathiam Bouhomme* e *Apud Viduam Balthazaris Arnolet*, e na mesma página 169, o anterior período reproduz-se, em idioma clássico, sem qualquer alteração gramatical, relativamente ao texto de 1553.

1 LUSITANOS, A.: *In Dioscoridis Anazarbei de Medica, Materia Libros Quinque*, Apud Gualterum Scotum, Venetiis, 1553, p. 101.

2 COSTA, A.: *Tractado delas Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*, Martin de Victoria, Burgos, 1578, p. 84.

3 LUSITANUS, A.: *Curationum Medicinalium Centuria Secunda*, curatio nonagesima, Laurantius Torrentinus, Florentiae, 1551, pp 347.

4 *Idem: In Dioscoridis de Medica Materia, liber primum*, Apud Gualterum Scotum, Venetiis, 1553, p. 119.

Foi tal o interesse pelos comentários ao *Dioscoridis de Medica Materia*, a editar várias vezes, no mesmo ano, e na mesma cidade, só que em editoras diferentes. Tal situação revela o significado da obra para aquela época. Também, em todas as edições, desde a de 1553 até à de 1558, o texto latino anteriormente transcrito é mantido sem alterações gramaticais.

Em nenhuma edição do *Dioscoridis* ou das *Centuriae* se apresentam gravuras alusivas à Raíz da China. Somente Cristóvão da Costa, na edição castelhana do Tratado das Drogas das Índias Orientais (1578), na página 78, reproduz a gravura da “Raíz da China”, para na página 79 apresentar a gravura da folha desta planta.

Todas as edições, exceptuando as de 1553 até 1558, ao terminar o texto têm um índice, no qual se refere a “Raíz da China” a par com as demais plantas.

Segundo o texto do *Dioscoridis de Medica Materia* existia uma “raíz subtil”, sendo descoberta em anos transactos. Os Espanhóis, porém, começaram a trazer da província do Peru, uma planta, a que deram o nome de Sarcamparrilla, que se traduzirá como planta vermelho viticosa (*rubum viticosum*), adequada a muitos usos. Mas, alcançamos a “Raíz da China”, a partir dos juncos, acerca da qual declaramos muitas coisas pela orientação da providência divina.

Aqui, de forma diferente do primeiro texto, a *Radix Chinalae* é classificada dentro do *lignum guaiacum*, e nunca integrada na *harunneana*. Amato Lusitano reconhece que as sarsaparrilas, trazidas pelos espanhóis das Antilhas, são da família da *Smilax*, tal como a Raíz da China.⁵

Com efeito, é dado, no texto principal todo o relevo ao – *lignum guaiacum* – na *Enarratio* 119, para, no último período, em curtas linhas, como vímos no texto latino, se apresentar o seu conhecimento morfológico e indicações terapêuticas. Falando profusamente do sentido e valor do “guaiaco” diz-se a breve trecho: “*Secunda autem ebeni species, Guaiacum lignum morbo gallico deseruiens est, quod sanctum omnes vocant uelut Auicenna canon, lib 2 sui Canonis. (...) Haec uero arbor ut tradunt nostri Hispani, et Alfonsus Ferrius libello suo de morbo gallico conscripto scribit in tribus praecipue insulis nascitur, nempe in insula sancti Joannis, in insula sanctae Crucis et in insula sancti Dominici: lignum uero quod ex arboribus insulae sancti Joannis adfertur... Curabunt igitur castellani, quem is eas insulas peruerenterint, non aliunde lignum sanctum abscindere, et in Hispaniam afferre, quam ex insula sancti Joannis....*”⁶

Por esta passagem, poderemos referir o incremento providenciado por Amato Lusitano, quanto à acção desta droga e os locais onde tal se encontrava, resultando esta espécie do género *Smilax*,⁷ eficaz na cura do “mal gálico”. Tal não existia na Europa, antes de 1493, ano em que muita gente se tratou em Barcelona, tal como se verifica pelos textos de Gomara na sua “História das Índias”: “los de questa isla

5 GILG, E.; BRANDT, G.: *Farmacognosia, materia farmacéutica vegetal y animal*, traducido de la tercera edición alemana por C. Brugués, Editorial Labor, Barcelona, 1926, pp. 59, 250.

6 *Idem: In Dioscoridis de Medica Materia, liber primum, Apud Gualterum Scotum, Venetiis, 1553*, p. 116.

7 *Idem: Farmacognosia*, E. Labor, Barcelona, 1926, pp. 59-63.

Española son todos bubosos y como los españoles dormian com las indias, hincheronse luego de bubes, e enfermedad, pegajosisima y que atormenta com recios dolores. (...) Así como vino el mal de las Indias, vino el remedio, que tambien es outra razon para creer que trajo de cuyo genero hay grandissimos montes. Tambien curan la mesma dolencia com palo de la China....”⁸

2. RADIX CHINAE NAS CENTÚRIAS:

Aqui a temática sobre a mezinha do tempo da gesta lusa é polifacetada, dado que se apresenta na forma como se adequa às diferentes patologias e aplicações terapêuticas. Assim, as múltiplas referências à “Raíz da China” não se apresentam em enquadramento taxonómico.

A primeira referência, nos escritos de A. Lusitano, ainda antes da edição do *Dioscoridis de Medica Materia* (em 1553) é apresentada na *Centuria Prima*, editada, em 1551, em Roma e em Florença respectivamente. Assim, como documento preciso de interesse terapêutico é o relato que abre a *Centuria Secunda* das *Curationum Medicinalium* de Roma, editada em 1551: “in qua methodus et canon propinandi decotum Radicis Cinarum, Julio III Pont. Maxim, compositus, uberius describitur, quam in prima habetur centuria”.⁹

Desta sorte, a concorrência da *Radix Chinæ* ao pau espanhol (*lignum guaiacum*) foi de pouca dura, o qual A. Lusitano dizia ser como: “*Buxus Europaeis novis insularibus lignum guaiacum dicitur, ut saepe quoque dixi, paratur autem buxus eo modo quo guaiacum lignum, cuius decoctum, pari virtus ordine quoque ebibitur*”.¹⁰ Em todas as edições das Centurias, o texto mantém-se inalterado, desde a edição de 1551 até à de 1728 (Veneza). Também, na *Centuria Septima, Barcinonae*, 1628, volta-se a falar da ligação ao buxum: “*Est enim lignum guaiacum ex insulis noviter reperti ad vectum idem quod buxum europei appellant, ut conferenti manifestum evadet. Proinde viribus respondere, ab re non est...*”¹¹

Amato Lusitano apresenta a descrição da mezinha, em pormenor, na *Centuria Prima*, 1551. Mas, comparando os textos das variadas edições, de 1551 a 1728, (ambas de Veneza), não se registam alterações morfológicas e sintácticas. O elenco da *curatio nonasesima* é fundamental para esclarecer os condicionalismos da nova terapêutica: “*Superioribus annis, radix quaedam similis in totum radici cannarum a Lusitanis nostris qui ad Indiam et regnum Sinarum et ultra navigat, in Lusitaniam afferri coepit, qua incolae regni Sinarum unde potissimum nascitur, et inde nomen traxit, ad multas agritudines utuntur, praecipue morbum gallicum, et sudoris euacuationem mirum enim in modum, radix haec exsiccat, et sudorem provocat...*”¹²

8 MENESES, M. O. R.: *Os Autores Ibéricos Quinhentistas na História da Medicina Tropical*, tese de doutoramento, Oficinas Gráficas Reunidas, Porto, 1971, p. 296.

9 *Idem: Curationum Medicinalium Centuria Secunda*, Romae (edição existente na Biblioteca Pública do Porto), 1551, p. 411.

10 *Ibidem*, 1620, Ex *Typographia Gilberti Verney, Burdigalae*, p. 284.

11 *Ibidem*, p. 420.

12 *Ibidem*, p. 222.

Este texto salienta não só a proveniência e o facto de ter sido trazido pelos portugueses, como também aponta aspectos terapêuticos (como diaforése, etc.).

Contudo, Amato Lusitano não fica por aqui, vai mais longe, dizendo-nos que fora um armador que o informara sobre a nova droga: "...*Quam primus in Lusitaniam Vicentius Gilius e Tristananis, rerum martimarum maximus explorator et apud Indos frequens negotiator adduxit; ex qua, quum maximum quas tum faceret, mercatores non solum Occidentales, sed Orientales cum in universam Europam postea traxerunt; quam tamen Turcae et Orientales afferunt mercator es, Occidentalium anteferre radici decet quum magis gravitet, et praestantior viribus sit....*"¹³

De acordo com a "Relação das Naos e Armadas da Índia" (códice Ad.20902, British Library) um tal Vicente Gil, armador, efectuou a sua primeira viagem à Índia, a 5 de Abril de 1521. Segundo o mesmo códice ad.20902, o referido armador está de volta à Índia, em 1525. Realiza novas viagens às Índias, em 1532, 1536, 1540, e, ainda, referencia uma última viagem, a 23 de Abril de 1542.

Desta feita, a obra de Isla, a que Maximiano Lemos chama, e bem, documento de primeira ordem, presta esclarecimentos sobre a nova droga para o tratamento da sífilis: "un palo que aora traen de la China por la via de Portugal". Era a *Radix chinæ* ou pau da china, introduzido em Portugal por volta de 1539, segundo opinião do Prof. Luís de Pina.¹⁴

Mas, Amato Lusitano afirma, em variadas versões, que o produto tinha grande aceitação e procura, em virtude de ser utilizado por Laguna, Matiolo e Vesálio, que tanto mercadores ocidentais como orientais a trouxeram para a Europa, tal como se testemunha pela seguinte perícopa: "...*quam tamen Turcae et Orientales afferunt mercatores, occidentalium anteferre radici decet quum magis gravitet et praestantior viribus sit, quo factum est, ut orientalis nec triplo cartus, quamque per navigationes occidentales affertur, publice in pharmacopoliis vendatur. (...) Est enim radix hunc, ut dixi simile omnino radici cannarum qui facile sucessit, et vires suas amittit, cuius color in superficie subnuber est....*"¹⁵

Apesar da "raiz da china" ser fornecida pelos Turcos, não estava sujeita a longa travessia marítima, de longos oito meses, podendo, por via terrestre, conservar-se melhor, dado que trazida pelos portugueses perdia qualidade e apodrecia, mesmo transportada em grandes jarras, o que era muito dispendioso sendo oferecida pelos Turcos com melhor qualidade. Tudo isto contribuiu para que os espanhóis atentos, providenciassem por toda a Europa a substituição da "raiz da china" pelas sarsaparrilas.¹⁶

13 *Ibidem*, p. 222.

14 DE PINA, L.: *História Geral da Medicina*, volume I, Livraria Simões Lopes, Porto, 1954, p. 528.

15 *Idem: Curationum Medicinalium Centuria Prima*, Sebastiani et Jacobi, Barcinonae, 1628, p. 222.

16 RASTEIRO, A.: "*Amati Jusjurandum*", in: *De Medicina* (Coimbra), 1, nº 2, 1988, pp. 50-51.

3. RADIX CHINARUM, VISTA PELOS CONTEMPORÂNEOS

O personagem mais relevante na promoção da *Radix Chinalae*, contemporâneo de Amato Lusitano, também ele licenciado em Medicina pela Universidade de Salamanca, que mais comentou e enalteceu o valor e qualidade terapêutica da nova droga, terá sido GARCIA DA ORTA.

Nos Colóquios dos *Simples e drogas he couosas medicinais da Índia* (1563), muitos encômios e valiosas apreciações terapêuticas são desenvolvidas, como se faz logo no Colóquio 47: “Porém eu me quero gabar que fui primeiro que esta usei, e por meu exemplo o fizeram os outros... eu mesmo tomei este pao com suadoiros para uma ciática que tinha, sem suspeita de morbo gálico”.¹⁷

Porém, se Garcia da Orta iniciou as suas considerações elogiosas sobre a Raíz da China, não menor é o encómio apresentado no fim da vida, quando diz: “Também haveis de acrescentar mais no pao da china o que delle (me) escreveram e he que se dá onde o semeam arrimado a arvores, assi como a (h)era”.¹⁸

Garcia da Orta não se cansa de valorizar a nova mezinha, testificando aplicações terapêuticas com vista a curar os doentes: “*Factum est, ut eo temporis mercator quidam in Diu insula narraret inclytouiro Domino Martino Afonso de Sousa, meo mecenati, qua ratione a Gallica Scabite curatus fuissest quadam radice e chinarum regione allata,...*”¹⁹

Mas, a *Radix chinalae* poderia ter sido uma aposta, que infelizmente os portugueses não souberam aproveitar e tirar o devido lucro,²⁰ sabendo nós que a sífilis se espalhava pela Europa, vindas das Américas, sendo da maior relevância esta terapêutica, tal como salienta Garcia da Orta: “...quemadmodum in novo orbe guaiaci usum ostendit, quoniam ea pars orbis etiam hoc morbo ab omni hominum memoria vexata fuit. Ibi contractum morbum in Europam adferentes Hispani anno redemptionis humanae 1493 reliquis nationibus communicavit. Nobis vero principium innotescere coepit huius radicis usus post annum quinguentesimum, adferentibus illam hunc Chinensis quibusdam ea luce infectis, qua se interea dum hic negotiarentur, curarent”.²¹

Apesar destas advertências, relativas ao uso do pau da china, na cura da sífilis, pena foi que nem pelas parângonas de contemporâneos, nem o próprio Amato tinham conseguido que o pau da china vingasse, como poderia ter sido e como se visualiza pela terapêutica, onde o grego Proxeneta, se curou de uma lombalgia com o decocto da Raiz da China: “*Graecus Proxeneta coxendicis dolore quodam antiquo vexari solebat: pro quo propulsando ad Patauinas balneas olim iam aduolaue*

17 D'ORTA, G: *Colóquios dos Simples e drogas e couosas medicinais da Índia ...*, 1563, reprodução fac-símilada, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1963, pp. 177-187.

18 *Ibidem*, pp. 219-228.

19 *Ibidem*, p. 147.

20 *Idem: "Amati Jusjurandum"*, in: *De Medicina* (Coimbra), 1, nº 2, 1988, pp. 50.

21 *Idem: Aromatum et Simplicium Aliquid Medicamentorum*, MDXCIII, Apud Viduam et Joannem Moretum, Antuerpiae, p. 145.

erat, et nihil profecit: postea ad guaiaci decoctum peruenit, et peius habuit: atendem meo consilio decocto radicis chinorum per viginti quinque dies usus est, et optime sensit, ac ab illo dolore liber perseverat".²² Fundamentado na eficácia terapêutica, esta droga poderia ter sido, entre muitas outras, uma oportunidade de nos ter projectado no mundo científico da época, aliando o nosso poderio económico com os Descobrimentos e a oportunidade científica de lançarmos no mercado da época um medicamento, que foi de grande ventura contra a doença proveniente de Espanha com Cristóvão Colombo.

Outro contemporâneo de Amato Lusitano, que muito falou da “raíz da china”, fora Cristóvão da Costa, que no Tratado das Drogas, elogia: “esta excelente y medicinal planta nasce na China de pequenos ramos, espinhosos e muito semelhantes à *Smilax aspera*”.²³

Considerando o valor desta nova terapêutica, não devidamente incrementada pelos portugueses na sua comercialização, diz-nos Cristóvão da Costa: “en las enfermedades antiguas y en las ulceras viejas, en las hinchazones y durezas de mucho tiempo, mas y em mejor efecto que en las passiones regientes, se tiene por experiencia aprovechar”.²⁴

No texto latino, editado em MDLXXXII, Cristóvão da Costa aponta para o interesse de muitas curas que se poderão obter com a nova planta e os processos de comercialização: “plurimus est huius radicis usus in omnibus Orientalis Indias provinciis ad varios morbos: quin adeo innoxia censemur, ut eam sumentibus tametsi nulla victus rationem obserunt sed liberi carnibus et piscibus vescantur, nihil incommodi adferre credatur. Vulgaris tamen quae in Chinarum indiae provinciis observatur, sumendi huius radicis decocti consuetudo est ut radicis uncia una, additis radicum Apii duabus drachmis decoquatur lento igne et sine fumo; in decem et Sex aquae libris ad Sex librarum consumptiibus reliquos decem,...”²⁵

CONCLUSÃO

O “pau da china”, tão propagado nas Centúrias de Amato Lusitano, teve o seu período áureo, entre 1535 e 1551, quando um mercador, de nome Vicente Gil, fez chegar a Lisboa, a novidade curativa, que Garcia da Orta, no Colóquio nº. 47, descrevia como oriundo da China, terra muito grande que se presume confinar com Moscovia e porque nestas terras todas e na China e no Japão há este morbo napolitano que o misericordioso Deus lhes deu por remédio esta raiz, da qual sabem lá bem curar os bons físicos, porque os maus em todo o caso erram.²⁶

22 *Idem: Curationum Medicinalium Centuria Prima*, Romae, 1551, p. 364.

23 *Idem: Tractado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*, Martin de Victoria, Burgos, 1578, p. 80.

24 *Ibidem*, p. 83.

25 *Idem: Aromatum et Medicamentorum in Orientali India nascentium*, MDLXXXII, Ex Officina Christophori Plantini, Antwerpiae, p. 47.

26 MALDONADO, M. H.: *Relação das Náos e Armadas da Índia*, códice add. 20902, British Library, leitura e anotações, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1985, pp. 37, 42, 49, 51, 52, 54, 56.

A ascensão da *Radix Chinalae* terá durado uns quarenta anos, dado que Amato Lusitano, angariando fama com as curas obtidas, desde o Romano Pontífice Júlio III até fidalgos de nomeada na Europa de então, enalteceu as virtualidades terapêuticas da mezinha do novo mundo, oferecida pela gesta portuguesa dos Descobrimentos. Foram poucos os que deram relevo à droga; Amato Lusitano, Garcia da Orte, Cris-tovão da Costa, etc. Mas Vesálio, Paracelso, Laguna, Matiolo quase remetem, para o esquecimento, uma droga de grande significado para a época.

Mesmo assim, A. Matíolo, no seu comentário ao *Dioscoridis de Medica Materia*, livro primeiro, capítulo 3º, página 125, refere a *Radix Chinalae*, dizendo que o invictíssimo Cefar nunca usou dela sem proveito notável. Mas, nem mesmo Garcia da Orta e outros, que tanto comentaram e aplicaram esta mezinha, conseguiram enfrentar o peso da influência espanhola, com as sarsaparrilas. Faltou sim o engenho empreendedor dos portugueses, para que se lançassem no mercado com a comercialização da droga na Europa de quinhentos, tal como o fizera ao lançar-se na gloriosa gesta dos Descobrimentos Marítimos.



Ramiro Délio Borges de Meneses

Instituto Universitário de Ciências da Saúde, Portugal
E-mail: borges272@gmail.com

BIOTECNOLOGIA: da filosofia à teologia / BIOTECHNOLOGY: from philosophy to theology

Abstract

The nature of biotechnology was forever changed by the development of recombinant DNA technology. Genetic engineering provided the means to create highly productive strains, Microorganisms and eukaryotic cells could be used as biological factories for the production of insulin, interferon growth hormone, viral antigens, and a wide range of other proteins. Recombinant DNA technology could also be used to facilitate the biological production of large amounts of useful small molecular weight compounds and macromolecules that occur naturally in minuscule quantities. Plants and animals became natural bioreactors producing new or altered gene products could never have been created either by mutagenesis and selection or by crossbreeding. Finally, this new technology facilitated the development of radically new radical therapies and diagnostic systems. There is the insertion of a gene into a DNA vector – often a plasmid – to form a new DNA molecule, that can be perpetuated in a host cell. Also called recombinant DNA technology, genetic engineering, gene slicing, gene transplantation or molecular cloning. On this article, I explain the prothological word of God and the philosophical and ethical foundation about genetic engineering.

Key words: Recombinant DNA, prothology and ontology.

INTRODUÇÃO

O ADN – recombinante resulta da introdução, na sua cadeia, de um segmento de outro ADN (ácido desoxirribonucleico), que lhe é estranho. O ADN de interesse – produzido sinteticamente ou não – é inserido por ligação covalente na molécula de um ADN-vector, isto é, de um plasmídeo ou de um vírus (bacteriófago). O ADN-vector é, então, introduzido numa bactéria – *Escherichia coli* –, onde se replica de modo autônomo. Assim, os genes inseridos são frequentemente transcritos e traduzidos, em seus novos organismos, pela “maquinaria” genética aí existente, podendo tornar-se uma característica genética permanente do novo hospedeiro. Essa técnica revolucionou a bioquímica e forneceu meios para alterar genes e proteínas. A partir da genética molecular e da bioquímica, surgiu a tecnologia de genomas *in vitro*.

Ao longo deste estudo, pretendemos apresentar os fundamentos ontológicos e as condições protológicas (antropologia teológica), iniciando-o com uma síntese sobre o ADN – recombinante.

A tecnologia do ADN – recombinante, iniciada no ano de 1973 (Stanley, Cohen e Boyer), determinou uma profícua variedade de aplicações, com grande importância prática nos domínios da medicina, agricultura e indústria (farmacêutica, etc), aportando vários dilemas axiológico-éticos, que serão referidos, sumariamente, na conclusão deste trabalho.

1. BIOTECNOLOGIA E ELEMENTOS CIENTÍFICOS

A tecnologia do ADN – recombinante, introduzida pela bioquímica, visa alterar não só genes e proteínas, bem como “manipular” o património genético dos organismos. Esta biotecnologia baseia-se na enzimologia dos ácidos nucleicos, que se concretizam *sub specie* nos seguintes passos:

- podem cortar, de modo conveniente, a cadeia do ADN por endonucleases de restrição, em fragmentos que passam a ser manipulados como “módulos”;
- enzimas que ligam os fragmentos entre si: ADN-ligases;
- para que surja a replicação pelas “polimerases”;
- bem como fazer a transcrição, de um ARN num ADN por meio da “transcripção reversa”.

Com efeito, outro recurso importante será a técnica de emparelhamento das bases “azotadas” (purinas: adenina e guanina; pirímidinas: citosina e timina) do ADN (bipolímero linear, em “dupla hélice”, com função informativa, como molécula da hereditariedade), que permite não só o reconhecimento e identificação das suas estruturas, tal como o uso de sondas complementares de ADN ou de ARN (ácido ribonucleico), para localizar sequências específicas de nucleosídeos. Assim, os vírus-plasmídeos têm sido utilizados, por esta tecnologia, como fonte de novos conhecimentos nessa área e como “vectores” para introduzir novos genes na estrutura cromossómica dos organismos eucariotas. *In genere*, um ADN – recombinante é formado por partes de diferentes origens.

Logo, a compreensão molecular do gene (segmento do ADN responsável pela síntese de uma cadeia polipeptídica) foi conduzida, a tal pormenor bioquímico, tendo permitido dar forma à Engenharia Genética (tecnologia de genomas *in vitro*), segundo a qual se poderá introduzir e pôr a funcionar, numa entidade eucariótica, um gene que ele não tinha e que foi retirado de um outro ser vivo, que poderá ser procariota. Por meio das técnicas de manipulação genética, será possível construir microrganismos que sintetizarão, em elevadas quantidades e mais economicamente, produtos de interesse terapêutico (insulina humana, somatostatina, interferões, hormona de crescimento, vacinas, factor VIII, etc.).

Esta biotecnologia usa a descoberta de “enzimas de restrição” produzidas por microrganismos (*Bacillus amyloliquefaciens*; *Haemophilus influenzae*, *Escherichia coli*, etc.). As endonucleares de restrição devem a sua designação ao facto de res-

tringirem ou prevenirem a infecção vírica, mediante degradação do ADN invasor. Assim, reconhecem pequenas sequências específicas, *in genere*, com 4 a 6 pb e, muito raramente, de 8 pb.

Estas “enzimas” de restrição podem ser de dois tipos, a saber:

- Tipo I: reconhecem uma sequência particular, mas não cortam o ADN, num local específico da sequência;
- Tipo II: reconhecem uma sequência particular e cortam o ADN num local específico da mesma sequência.

As bactérias, com enzimas de restrição, também possuem enzimas correspondentes, que metilam as bases nitrogenadas do ADN, nos locais reconhecidos pelas endonucleases. Já foram identificadas mais de 200 enzimas de restrição. Porém, a sua utilidade na clonagem deriva da capacidade reprodutível de cortar o ADN em fragmentos. Uma das primeiras enzimas de restrição (endonucleares) identificadas foi isolada a partir da *E. coli*, designando-se por Eco RI. Os locais de reconhecimento das enzimas de restrição são “palíndromas”. Os fragmentos de ADN produzidos pela digestão com Eco RI, possuem extremidades de cadeia simples, que podem reemparelhar com extremidades de cadeia complementar de outros fragmentos do ADN. A tecnologia do ADN – recombinante utiliza métodos derivados de ácidos nucleicos acoplada a técnicas genéticas, desenvolvidas a partir do estudo de bactérias e vírus. Esta biotecnologia permite o isolamento de quantidades ilimitadas de um gene. Assim, a tecnologia de ADN – recombinante cria combinações “artificiais” de moléculas de ADN. Desta sorte, a tecnologia do ADN – recombinante, também designada de clonagem génica ou molecular, é um termo que comprehende variados protocolos experimentais, que conduzem à transferência de informação genética (ADN) de um organismo para outro. Uma experiência de ADN – recombinante segue o seguinte esquema:

- Purificação do ADN a partir de células ou tecidos;
- Geração de fragmentos de ADN, mediante uso de enzimas de restrição (endonucleases), que cortam e reconhecem as moléculas de ADN, em sequências nucleotídicas específicas;
- Os fragmentos produzidos pela digestão com enzimas de restrição são unidos a outras moléculas de ADN, que servem como “vectores” ou moléculas de transporte;
- A molécula de ADN – recombinante é transferida para uma célula hospedeira. No interior da célula, a molécula recombinante replica, produzindo várias cópias, conhecidas como “clones”;
- As células hospedeiras que recebem esse ADN – recombinante são identificadas e seleccionadas daquelas que não receberam ADN – recombinante;
- Quando a célula hospedeira se divide, as moléculas de ADN – recombinante são transmitidas às células filhas, criando uma população de células hospedeiras. Cada uma delas transporta cópias da sequência do ADN – clonado;
- O ADN – clonado pode ser recuperado a partir das células hospedeiras, purificado e analisado;

- Potencialmente, o ADN – clonado pode ser transcrito, o seu m – ARN traduzido e o produto génico isolado e usado para pesquisa ou para fins industriais.

Todavia, por muito diferente que sejam dois “genomas” (todo o ADN de uma célula), terão, ao longo das moléculas de ADN, alguns desses pontos com composição única, requerida para a acção de determinada enzima de restrição. Como estas enzimas, cortam os diferentes ADN's em sequências rigorosamente idênticas, onde todos os fragmentos resultantes terão extremidades iguais e poderão, assim, reunir-se *de novo* por ordem diferente. Entretanto, *in vitro*, poderá construir-se uma “molécula recombinante”, elaborada por fragmentos de ADN, extraídos de espécies muito afastadas, que poderão ir dos eucariotas aos procariotas e vice-versa. Com efeito, surgem bactérias que possuem, para além do cromossoma, uma molécula de ADN, que também se multiplica independentemente – plasmídeo – (são moléculas de ADN de cadeia dupla circular, que são extracromossomais, como vectores de ADN). Estes tornam-se elementos fundamentais em Engenharia Genética para o transporte do “gene estranho”, que se pretende transferir para bactérias.

A tecnologia de genomas *in vitro* pode realizar-se do seguinte modo: o ADN - plasmídeo é extraído de uma bactéria e cortado por endonucleases. Logo, o ADN extraído de um “animal” é fragmentado separadamente pela mesma enzima. O produto resultante deste tratamento é adicionado ao plasmídeo. Desta feita, surgirá um “plasmídeo químérico” que, sendo introduzido numa outra bactéria apropriada, deverá multiplicar-se dentro dela, ao mesmo tempo que o gene do animal, que lhe foi adicionado, sintetizará o produto correspondente.. Todas as bactérias descendentes terão uma cópia, pelo menos do plasmídeo químérico, e, portanto, se dirá que esse gene foi clonado na bactéria. Mas, os vectores plasmídeos, mais usados em investigação e aplicabilidade tecnológica, para a clonização molecular, são: p SC 11 e o Be 322. Sempre que seja impossível introduzir na célula um plasmídeo, podem utilizar-se moléculas de ADN de transporte. Quando um fragmento de ADN está unido a um vector, ganha a capacidade de poder entrar na célula hospedeira, onde é clonado em muitas cópias. Existem várias possibilidades de clonização , como: clonização procariota-procariota (um segmento do plasmídeo do *Staphylococcus aureus*, que confere resistência à penicilina e à ampicilina, foi introduzido no plasmídeo p SC. 101); clonização de genes eucariotas em procariotas e, finalmente, clonização entre eucariotas.

2. BIOTECNOLOGIA E FILOSOFIA

Criar *in vitro* novas formas de vida é velho sonho que a ciência biomédica impõe à realidade *qua talis*, como expressão da capacidade inventiva do *Homo sapiens sapiens*. Iniciou-se a ciência da vida pela descoberta da restrição e modificação, com barreiras interespécificas, definidas pela evolução entre excessos de colectivização genética. Daqui passou a ciência biológica para a análise de genomas *in vitro*. Como a natureza não usurpara para si as enzimas de restrição (endonucleases), para a elaboração de genomas, a nova engenharia ultrapassou o velho aforismo: *natura non facit saltus*. Parece que estamos em presença de uma biotecnologia

incontrolável e sem limites gnoseológicos. Os limites impostos, como antivalores, surgem pela suficiência biológica, desequilíbrio ecológico, multiplicação incontrolada de espécies ou a guerra bacteriológica.

A Engenharia Genética, com acuidade, veio colocar, em “crise ontológica”, os princípios da individuação e da especiação. Neste momento, não se trata de promover *in vitro*, para condições seleccionadas, recombinações intra-específicas celularmente, que se poderiam operar na natureza, mas antes levar a cabo a construção extra-cellular e artificial pela recombinação entre moléculas, que a natureza ao que se sabe decretou incomunicáveis. Assim, tais moléculas artificialmente recombinadas são introduzidas num ser vivo, onde se autoperpetuam. Desta sorte, nova problemática biológica surge para se interpretar o axioma da ontologia escolástica (S. Tomás de Aquino), que caracteriza a individuação como *materia quantitate signata* e ainda uma nova visualização para a máxima da especiação: *forma qualitate signata*. As espécies, ao romperem as suas barreiras ontológicas, impostas pela natureza, e de acordo com a nova tecnologia artificial de genomas, passaram a regrer-se não pelo princípio de individuação, mas antes pelo princípio da especiação dos seres finitos. Se é certo que o quebrar das barreiras biológicas, definidas pela natureza, passando a vigorar dois princípios: *natura facit saltus et forma qualitate signata*, então não poderão ser menos certas duas condições ontológicas: uma condição ontológica, de raiz negativa, induzirá a “teratologia das espécies”. Porém, outra condição, na linha positiva, auferirá o melhoramento das espécies, e, segundo a antropologia, uma espécie mais perfeita ao manipularem-se os genes, para salvaguardar a alteração genética na evolução. O plasmídeo é o aspecto qualitativo e o DNA – estranho define a quantidade de fenómenos *in vitro*, segundo a ontologia.

Na linha da perfeição ontológica, diremos que o plasmídeo define o existir no fenómeno da clonização. Este será de ordem fenoménica, embora possa induzir mudanças substanciais, na linha biológica, segundo a causalidade. Segundo a tecnologia artificial de genomas, o vector é um plasmídeo usado como transportador do ADN – estranho. Assim, a recombinação do ADN com um vector origina um plasmídeo. Mas, o plasmídeo químérico constitui-se como efeito, sendo a causa, o ADN – estranho, usando uma condição ontológica, isto é, o vector. O plasmídeo usado imprimirá sentido e direcção ao evento do “molecular cloning”. Assim, os genes não têm raça. A raça, segundo o mapeamento genético e a biotecnologia, desapareceu, ficando somente a espécie. Este aspecto define uma visualização do princípio da especiação.

3. BIOTECNOLOGIA E TEOLOGIA

A irrupção da ciência biomédica no santuário da matéria e da vida não constitui, para a fé cristã, qualquer profanação ou sacrilégio. O versículo veterotestamental: *crescite et multiplicamini et replete terram et subicite eam* (Gen. 1:28) é entendido, pela antropologia teológica, como um convite do Criador ao *H. sapiens sapiens* para que este colabore na acção criadora do micro ao macrocosmos, que não saiu acabado de “Suas mãos” O biotecnologista, pelo seu labor cooperante, terá de

completar aquilo que falta à obra criadora de Deus – Pai, segundo o Pentateuco. A ciência, nossa coeva, começa a capacitar a técnica para poder actuar a partir das raízes mais profundas da natureza. Assim, a evolução dos procariotas até aos eucariotas, passando, prioritariamente, pelo *H. sapiens sapiens*, poderá começar a depender do querer e da decisão do mesmo *H. sapiens sapiens*. Mas, tudo isto não é mais do que o prolongamento teológico, inscrito no livro do Génesis, marcando o arranque bíblico do “submeter, cultivar e dominar a terra”. Este mandamento divino significará, segundo a moderna protologia teológica, que o Homem se constitui como “co-criador” da obra divina do Universo e da Vida (G. Von Rad). Logo, a este discurso paranético poderemos adicionar o que disse Jahwé à humanidade (Adão): *tulit ergo dominus Deus hominem et posuit eum in paradiso voluptatis ut operaretur et custodiret illum...*” (Genesis, 2:15). O jardim foi colocado para o “Homem” (*Adaham* = humanidade) e deverá entender-se, segundo a antropologia semita veterotestamentária, como doação nascida do gracioso cuidado de Jahwé-Eloim para com este ser criado, segundo a imagem e semelhança de Deus. (Gen. 1:27). O versículo, segundo H. Urs. Von Balthasar, – *et creavit Deus hominem ad imaginem suam, ad imaginem Dei creavit illum masculum et feminam creavit eos* (Genesis, 1:27), interpõe-se para separar a fecundidade humana da fecundidade infrahumana. Mas, homem e mulher, segundo esta narrativa sacerdotal, aparecem no âmbito da “imagem de Deus”, colocando a humanidade bisexualmente, - traduzindo-a como criatura, nele se podendo identificar o conteúdo – a *imago et similitudo*.

A vida criada por Deus, segundo a revelação bíblica, autoregenera-se, transmite-se *per se* e autocomunica-se, num longo processo histórico de autoevolução, previsto pelo desígnio criador de Deus (Providência), que o crente aceita pela fé. Aquele Deus, que é “bárā” do mundo capaz de autoreger e autoregular a vida biológica (biós), em todas as suas idiossincrasias, cria também um ser humano capaz de “cooperar” e “colaborar” e inserir no desígnio criador protológico. Esta inserção activa do homem num Eden, que sempre se pode actuar em termos positivos ou negativos, pela biotecnologia, fundamenta-se sobre a liberdade do todo, segundo a qual Deus o quis criar.

O homem foi chamado para “guardar” o jardim, significando a vocação do serviço e da administração, segundo o seu cuidado, não como propriedade sua. O cientista deverá entender estas palavras, como aquele que faz crescer e desenvolver o que Deus – Pai originou (bárā) sem devastar nem destruir. Foi assim que pela narrativa folclórica do Génesis, Deus outorgou esta primeira palavra, como dom gratuito, entregando à humanidade (Adão) as amplas dimensões daquele domínio, onde se moveria livremente, inserindo-se o *H. sapiens sapiens* na vida *ad intra* (trinitária) e *ad extra* (universo e criaturas) do *De Deo Elevante*. Segundo o plano protológico, Deus é “bárā” (não no sentido *ex nihilo sui et subjecti* – Macabeus) e o homem dá livremente, ou não o seu contributo à obra criadora de Deus (ciência e tecnologia), não só relativamente ao ecossistema natural, como também à procriação e, até mesmo, à autorealização da vida.

Com efeito, a vida, no âmbito da perspectiva bíblico-teológica, é uma “gabe” (dom) de Deus ao homem, que se transforma em “aufgabe” (contra-dom) ou em tarefa para o homem, tal como se expressa na biotecnologia, na responsabilidade para viver no tempo e na história pela “co-criação” com Deus. Aqui, está, em sentido teológico, o carinho de Deus para o homem, tornando-se seu colaborador, ao desvendar e manipular os segredos e mistérios da vida. O homem é *capax universi*, porque Deus o quis “assim”, porque dele recebeu uma vida superior à de todos os outros seres sobre a terra. (Is. 64:7). Só ao homem se incumbe a “tarefa” ou contra-dom (aufgabe) de colaborar, no plano protológico de Deus-Pai, ou, no plano criador, pela biotecnologia, segundo o dom (gabe) do mesmo Deus. Apenas, enquanto vive no tempo e no espaço, pelo arco limitado da vida terrena, o *H. sapiens sapiens* “deve” (sollen) servir ao Deus criador e às demais criaturas. O cientista não pode não responder àquele Deus, que o criou aceitando assumir as responsabilidades éticas que lhe são dadas. O homem, segundo o desígnio divino, é administrador da vida. E o esforço por uma melhoria biológica, para uma melhor hominização, corresponde ao sentimento do Criador. Não existem ora motivações filosóficas plausíveis ora razões teológicas reveladas, que torne ilícita a interferência do homem nos processos biotecnológicos e que imponham limites ao conhecimento e ao domínio da natureza. Segundo Borré, ao *homo sapiens et faber*, criado à imagem e semelhança de Deus, está-lhe confiada a “aufgabe” (dom e tarefa) de ser “co-criador”, deitando mão aos recursos biológicos do mundo (manipulando-os) e prolongando a acção divina para continuara a criação. O mandamento – dominai e submetei a terra – reveste-se numa gestão tão responsável e inteligente quanto ausente do domínio selvagem ou da exploração nefasta. Ao investigador em Biotecnologias compete o domínio sobre o criado, como interventor da criação. Esta é uma missão realizável através da biotecnologia e da bioquímica. Tais actividades são intrínsecas à lógica do projecto divino.

CONCLUSÃO

As decisões “morais” do *H. sapiens sapiens*, perante microrganismos geneticamente modificados, deverão ser orientadas normativamente (segundo o ditame objectivo) pela *recta ratio agibilium*, como *prudens* ao administrar a natureza genómica, respeitando a lógica intrínseca dos seres eucariotas e procariotas, sendo consciente na manipulação *in vitro*, avaliando riscos e benefícios. Contudo, o cientista deverá ser empreendedor na transferência de genes de umas espécies para outras. Devemos apresentar duas formulações éticas: por um lado, a ética pragmática conduziria ao domínio incondicional do *H. sapiens sapiens* sobre os microrganismos, se os “manipulasse” a seu bel-prazer, com o menosprezo de ecossistemas; por outro, rejeita-se uma ética teleológica, na busca da conservação da natureza, sem atender às inúmeras possibilidades oferecidas pela modificação genética de microrganismos, em favor do progresso da humanidade, nomeadamente em Medicina, na Indústria Farmacêutica ou em Bromatologia. De grande aplicabilidade na manipulação genética são as éticas narrativas ou discursivas. As terapias de células germinais ou de células somáticas não poderão pôr em perigo a vida, a saúde, a integridade e a dignidade pessoal do *H. sapiens sapiens*. Cumpra-se, assim, o adágio hipocrático: *primum non nocere*. Nunca os humanos, pela acção da tecnologia do

ADN-recombinante, “devem”, sob ameaça perder a sua axiologia. Eticamente pensando, a Manipulação Genética não foi criada para levar ao domínio do homem pelo homem e não foi feita para levar à “escravatura”, mas antes para humanizar e personalizar o ser humano pela aretologia. A inviolabilidade do genoma não pode converter-se em dogma da ética genética, nem mesmo concebê-la ora universal ora atemporalmente. Este poderá ser questionável, como sucedeu ao dogma (afirmação) da genética molecular.

O cerne da questão ética reside nos critérios para o uso responsável da liberdade, implicando as normas limitativas na ordem axiológica. P. Ramsey insistiu, perante a manipulação genética, sobre a importância de uma ética que integre meios e fins. Deverá existir um critério ético fundamental centrado na dignidade da pessoa e na busca de um bem integral. À Engenharia Genética poderá aplicar-se o princípio ético de U. Eibach, inspirado em H. Jonas, actua de tal forma que as consequências da tua acção não possam destruir ou colocar em perigo ou diminuir a possibilidade de da vida humana e do meio ambiente na actualidade e no futuro.

Frente à biotecnologia surge o princípio fundamental da responsabilidade de H. Klompse, que vem de M. Weber (ética da responsabilidade perante a ética das convicções).

Segundo Mc Cormick, surgem as seguintes exigências éticas, que “deverão” estar presentes na tecnologia de genomas *in vitro*: respeito pela vida; interdependência das diferentes estruturas dentro do nosso ecossistema; diversidade dos seres humanos e a unicidade de cada um; a responsabilidade e as prioridades da investigação devem responder aos imperativos da justiça distributiva (Aristóteles). Nesta área, a multidimensionalidade do ser humano, pelo aspecto biológico, converte a natureza biológica em “norma ética, onde a criteriologia do juízo moral se funda na dignidade da pessoa humana e dos seus actos (*Gaudium et Spes*, 51).

BIBLIOGRAFIA

1. Aieth, D. – *Ethik in Zeitalter der Biotechnik*, Herder Verlag, Freiburg, 2000.
2. Alberts, B.; Bray D.; Levis, J. et alii – *Molecular Biology of the Cell*, third edition, Garland Publishing, New York, 1994.
3. Azevedo, C. – *Biologia Celular*, Edições Técnicas, Lidel, Lisboa, 1994.
4. Blazquez, N. – *Bioética Fundamental*, BAC, Madrid, 1996.
5. Campos, L. S. – *Entender a Bioquímica*, 2ª edição revista, Escolar Editora, Lisboa, 1999.
6. Carneiro, J. – *Biologia Celular e Molecular*, quarta edição, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.
7. Connor, M.; Fergusson – Smith, M. – *Essential Medical Genetics*, Blackwell Science, Oxford, 1997.
8. Cooper, G. M. – *The Cell, a molecular approach*, ASM Press, Washington, 1997.
9. Devlin, Th. M. – *Textbook of Biochemistry with clinical correlations*, J. Wiley & Sons, New York, 1986.
10. Fletcher, J. – *The Ethics of Genetic Control*, Anchor Books, Garden City, 1974.
11. Gafo, J. – *Problemas Éticos de la Manipulación Genética*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1992.

12. Gardner, E. J.; Sneestad, D. P. – *Genética*, 7^a edição, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1986.
13. Glick, B.; Pasternak J. – *Molecular Biotechnology, principles and applications of Recombinant DNA*, ASM Press, Washington, 1994.
14. Gryson, R. praeparavit, - *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1994.
15. Klug, W. S.; Cummings, M. R. – *Concepts of Genetics*, Prentice – Hall International, New York, 1997.
16. Lehninger, A. L. – *Biochemistry*, second edition, Worth Publishers, New York, 1981.
17. Lewin, B. - *Genes VI*, Oxford University Press, Oxford, 1997.
18. Malcata, F. X. – “Ética e microrganismos modificados” in *Ética da Vida*, Gabinete de Investigação de Bioética, U. C. P., Porto, 1997, 175-179.
19. Malcata, F. X. – *Contingência e Utopia*, relatos e reflexões, Principia, Porto, 2000.
20. Mange, E. J.; Mange, A. P. – *Basic Human Genetics*, second edition, Sinauer Association, Sunderland, 1999.
21. Murray, R. K.; Granner, D. K.; Mayes, P. A.; Rodwell, V. W. – *Harper's Biochemistry*, twenty-first edition, Prentice-Hall International, New York, 1988.
22. Nogueira, D. M. et alii - *Métodos de Bioquímica Clínica*, Pancast Editorial, S. Paulo, 1990.
23. Roberts, J. A.; Pembry, M. F. – *An Introduction to Medical Genetics*, eighth edition, Oxford University Press, Oxford, 1985.
24. S. Thomae Aquinatis – *De Principiis Naturae*, Introdução, tradução e comentário por Ramiro Délio B. Meneses, Colecção de Textos – Filosofia, Porto Editora, Porto, 2001, no (prelo).
25. Strachanz, T.; Read, A. – *Human Molecular Genetics*, Bios Scientific Publishers, Oxford, 1997.
26. Stryer, L. – *Biochemistry*, fourth edition, W. H. Freeman and Company, New York, 1995.
27. Thomas, L. – “Individuation” in *Theologie und Philosophie*, 74 (Frankfurt, 1999) 371-392.
28. Thompson. M. W.; Mc Innes, R. R.; Willard, H. F. – *Genética em Medicina*, 4^a edición, Masson, Barcelona, 1996.
29. Urs Von Balthasar, H. – *Teodramática* – I, Ediciones Encuentro, Madrid, 1997.
30. Von Rad, G. – *Das Erste Buch Genesis*, Vandenhoeck and Ruprecht, Goettingen, 1972.
31. Watson, J. D.; Hipkins, N. H. et alii – *Molecular Biology of the Gene*, fourth edition, The Benjamim, Cummings Publishing Company, Merolo Park, 1987.
32. Watson, J.; Gilman, M.; Witkowik, J.; Joller, M. – *Recombinant DNA*, Scientific American Books, W. H. Freeman, New York, 1992.
33. Wirth, J. (edit) – *Color Atlas of Genetics*, Thieme Verlag, Stuttgart, 2001.

Prosopon

Europejskie Studia Społeczno-Humanistyczne

Wydawca / Publisher:
Instytut Studiów
Miedzynarodowych
i Edukacji HUMANUM
www.humanum.org.pl

10 (1) 2015
ISSN 1730-0266



COPYRIGHT © 2014 BY
PROSOPON
ALL RIGHTS RESERVED

António Carneiro Torres Lima

Doutorado em Bioética e Investigador do Instituto de Bioética da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Ramiro Délio Borges Meneses

Doutorado em Filosofia e Professor Auxiliar do Instituto
Universitário de Ciências da Saúde, Gandra, Paredes, Portugal

A criança, a morte e a educação tanatológica¹ / *The child death and tanatological education*

Abstract

This study seeks to analyze the complexity of education for the meaning of thanatos in the life of the child, the role of the family and the educators, as a process through which the person's development is promoted in this phase of childhood and questioning the meaning of the losses and Anxiety, which is being verbalized or silenced in the context of their significance, by the adults' exemplarity and respective educational experiences in the paths of otherness, promoters of a culture of life. It also reflects the experience lived within the family and the influence of social representations on this sensitive subject of theatatalogical education. Thus, this article aims to articulate the issues of education, in this specific context, at the level of education for the meaning of mourning to be done, through the consolidation of analyzes of social construction processes and the study of the child at this stage of personalization School.

Key words: children, death, dying, and thanatologic education.

INTRODUÇÃO

grande o desafio de educar para a mundividência da morte, procurando-se descobrir o sentido do *thanatos* na vida de cada ser humano. Daí que começemos por interrogar-nos sobre o conceito que as crianças têm da morte, tendo em conta a perspetiva que a psicologia do desenvolvimento fornece², bem

- 1 Este estudo é dedicado aos Professores Doutores Daniel Serrão ,Walter Osswald e Luís Archer , já falecido, pelo ensino da Bioética .
- 2 Os anos 60 e 70 do século XX, profundamente marcados pela busca de explicações válidas e consistentes sobre os processos de desenvolvimento humano, evidenciando abordagens plurais, quer em termos teóricos, quer em termos metodológicos, recusando uma abordagem aleatória e voluntarista dos fenômenos, considerando olhares teóricos e empíricos diversos, propondo a multidisciplinaridade como caminho a seguir para o evoluir das ciências do comportamento, conforme proposta de LERNER, R., EASTERBROOKS, M., e MISTRY, J. (Eds.) - *Handbook of psychology*, Vol. 6. -*Development psychology*, John Wiley & Sons, New York, 2003. A visão que emerge destas novas concepções plurais de estudos e de pesquisas

como salientar a pertinência do estudo de alguns autores³, visando uma pedagogia tanatológica.

SENTIDO DA MORTE E DO MORRER EM PEDIATRIA

A morte de uma criança tem tanto impacto nos seus progenitores, quando para os técnicos de saúde. É evidente que a função da Medicina não é impedir a morte, é sim dar mais qualidade de vida à vida. Naturalmente, o que mais custará a um médico será ver partir uma criança, porque o mundo é delas e elas são o seu futuro. Os médicos são sempre sensíveis a esta situação, mormente no âmbito da Oncologia Pediátrica ou da Genética Clínica. Nestas duas especialidades, a morte de uma criança tem sempre um significado diferente, o que não acontece no âmbito da Geriatria.

A conhecida psiquiatra suíça, E. Küber-Ross, na sua obra *On Death and Dying*, pelo estudo realizado em vítimas de doença terminal, resumiu, em cinco palavras-chave, as fases de adaptação ao sofrimento experimentadas nos seguintes termos: negação, cólera, aliança, depressão e aceitação. Este esquema, amplamente divulgado, traça as eventuais etapas do sofrimento, como condição, não querendo dizer que se pressuponha que seja este o itinerário, porque muitas pessoas ficarão bloqueadas numa destas fases e há quem alterne os seus sentimentos com a “inteligência emotiva” (D. Goleman) em função de uma variedade de factores, ora extrínsecos, ora intrínsecos.

Estas fases podem apresentar-se, também, noutras situações clínicas (politraumatizados, etc), por parte de familiares e dos pacientes, revelando o lado psicológico da dor e do sofrimento:

- **Negação:** o doente não quer ver e contemplar, face-a-face, a sua realidade e porta-se como se não estivesse doente, relativizando os seus mal-estares físicos, neutralizando as mensagens ou informações que o poderão perturbar;
- **Luta:** a contrariedade de um diagnóstico contrapesa com a determinação de vencer o mal físico (doença). As energias, desde a física à mental, canalizam-se num esforço para suportar o sofrimento, mediante tenaz vontade de controlar decidida e adequadamente a situação clínica;
- **Resignação:** perante a adversidade, o homo dolens desmoraliza, surgindo um comportamento derrotista e cruza os braços;
- **Aceitação:** o doente toma consciência da debilidade e vulnerabilidade. Assim vive-se, o melhor possível, o tempo de que se dispõe, tal como referiu Virgílio:

(...) é – como salentam Brim e Kagan – a de que os seres humanos têm capacidade para mudar, ao longo de todo o ciclo de vida, do nascimento à morte, (...) tornando o curso do desenvolvimento humano mais aberto do que era suposto, recusando qualquer forma de determinismo, integrando dimensões sociais, biológicas, etc., numa perspetiva multidimensional. Para mais pormenores, ver: BRIM, O., KAGAN, J. – *Constancy and change in human development*, Harvard University Press, Cambridge, 1980, p. 1.

3 **FULLAT**, O. – *Las finalidades educativas en tiempo de crisis*, Hogar del Libro, Barcelona, 1982. Ver, também: **KASTENBAUM**, R. e **AISENBERG**, R. – *The Psychology of Death*, Springer, New York, 1965 (trad port: *Psicología da Morte*, Edição Universidade de São Paulo, Novos Umbrais, 1983); **PETTLE**, S. e **BRITTON**, C. – *Talking with children about death and dying*, in: *Child Care, Health and Development*, 21 (1995), pp. 395-404.

tempus est optimus judex rerum omnium (o tempo é o juiz de todas as coisas). O paciente viverá numa atitude activa e positiva, apoiando-se em recursos externos e internos. Esta é a fase mais “positiva” do sofrimento e transforma este numa “purificação” como libertação axiológica;

- **Desespero:** aqui está o choque perante uma doença que não tem cura. A perda da qualidade de vida e a sensação de ser um peso para os familiares, amigos e técnicos de saúde, perante a degradação do corpo, conduzem ao suicídio, à eutanásia ou, ainda, à depressão. A forma negativa do sofrimento está no “desespero” onde se regista o abandono da esperança.

O sofrimento é um hóspede incómodo. Para uns, fica-se numa injustiça, num castigo, como destino pré-estabelecido, um desastre, uma condenação ou um “asco”; para outros, pode transformar-se em fonte de bem, num instrumento de crescimento, numa oportunidade de interiorização, num lugar de descoberta pela verdade da vida ou em espaço para a conversão.

A *re-spondere* destes “itens” depende do modo como se vivencia o sofrimento e as atitudes que se adoptem frente a ele. O sofrimento, como “dor total”, está estampado nos rostos e na vida dos “desvalidos” (doentes, marginais, etc). A morte de uma criança será um sofrimento e uma dor, não só para ela, como também para os pais e para os profissionais de saúde.

O terreno do sofrimento é muito mais vasto, muito mais variado e pluridimensional. O homem sofre de modos variados nem sempre considerados pela Medicina. O sofrimento é muito mais amplo do que a dor, mais complexo e profundamente enraizado na humanização. A experiência do sofrimento, como situação limite da liberdade, põe a descoberto as perguntas mais radicais quanto à sua origem. O sofrimento é a “dor da alma” e a dor é o “sofrimento do corpo”. Toda a espécie de sofrimento possui, tal como a morte, um valor antropológico. O sofrimento é uma experiência de morte na medida em que o paciente sente a radicalidade da sua própria limitação.

Segundo o discurso levinasiano, o sofrimento físico é uma impossibilidade de se destacar do instante. O sofrimento e a dor introduzem a possibilidade de uma confrontação com a morte, significando uma relação com o desconhecido, em que o sujeito sofredor estabelece uma relação com o mistério. A morte que se anuncia no sofrimento é uma experiência de passividade.

O sofrimento é o acontecimento do existente que cumpre toda a sua solidão. Mas, segundo Lévinas, a dor que se produz no Eu é entendida como “mãe da sabedoria”, permitindo que na consciência desperte a humanidade originária do homem.

Dor e sofrimento são termos por vezes utilizados como sinónimos e, de facto, embora se devam distinguir, são entidades próximas apesar de ser a dor uma das fontes mais evidentes de sofrimento. Se o sofrimento não possui mecanismos fisiológicos, a dor necessita de uma explicação de ordem neuronal.

A “American Pain Society” usa a definição de dor de Merskey: uma sensação desagradável e uma experiência emocional associada à lesão potencial ou actual do tecido. Fisiologicamente, o conceito de dor física relaciona-se intimamente com a “nocicepção”. Este termo é determinante para descrever a resposta neuronal a um estímulo traumático, dado que nem todas as dores resultam da “nocicepção” (dor psicológica ou social), ou seja, muitos doentes experimentam dor na ausência de estímulo nociceptivo.

A dor é uma queixa, frequente e comum a muitas patologias, enquanto que o sofrimento é uma “vivência” que ultrapassa a dor e corta a alma. Para a dor há analgésicos, enquanto que para o sofrimento a “terapêutica” vem da alma.

Existem situações de sofrimento tão inimagináveis, incontroláveis e desesperantes, que deveriam analisar-se com sensibilidade, maturidade, humanismo, atitudes de ajuda, ternura e consolo. Na verdade, o conceito de sofrimento relaciona-se com a dor moral, o dano, a perda e as expectativas negativas que a vida nos impõe. O sofrimento não tem fisiologia.

A dor é uma realidade fisiológica, enquanto que o sofrimento se apresenta como uma condição de “ameaça” ao espírito. Apesar da significativa presença e influência da dor, são múltiplas as causas que têm incidência no aparecimento das condutas do sofrimento: insatisfação na vida diária; doenças orgânicas; hospitalização; deterioração; experiências emocionais desagradáveis; objectivos vivenciais do bem-estar inatingíveis, etc.

O sofrimento, nos seres humanos, nem sempre se verbaliza. As experiências e condutas da dor podem controlar-se na “práxis” médica com relativo êxito. Porém, nas manifestações do “sofrimento”, a sua etiologia e tratamento caracterizam os limites da Medicina, isto porque o sofrimento entra no âmbito da interioridade da pessoa ou no mundo psicossomático.

Segundo V. Frankl, o homem não se destrói pelo sofrimento, mas por sofrer sem sentido. Assim, no homo dolens afirma-se que o sofrimento, para ter um sentido, não pode ser um fim. A disposição para o sofrimento e para o sacrifício poderá degenerar. Verdadeiramente, o sofrimento só tem sentido quando se padece por causa de “outrém”.

Assim, o sofrimento, dotado de sentido, aponta para um mais além de si. O sofrimento, com todo o sentido, remete à causa por meio da qual padecemos.

Em suma, o sofrimento, na plenitude do sentido, será dado pela “teodiceia do sacrifício”. Em V. Frankl, a dotação de sentido produz-se quando o sofrimento passa a ser pela justificação do sacrifício ao chegar a implicar toda a vida. Segundo o criador da logoterapia, o sofrimento é oportunidade que reside na atitude que se adopta ao suportar o seu peso.

Com efeito, a “capacidade de sofrimento” nada mais será do que uma forma para realizar valores e atitudes. Segundo este pensador, não será só a criação que poderá

dar sentido à existência; mas, o encontro e o amor podem fazer com que a vida tenha sentido pelo sofrimento.

V. Frankl determina a sua perspectiva mostrando como esta dimensão do homo dolens é independente no âmbito da realização relativamente ao homo faber. Contudo, o homo dolens move-se numa linha vertical, cujas categorias são o cumprimento ou o desespero. Tal como nos ensina a experiência da vida, é possível ao *homo patiens* atingir o compromisso de si mesmo no contexto do mais profundo fracasso pelo sofrimento mais extremo.

O sacrifício, como fundamento do sentido do sofrimento, foi recebido pelo homem para dar sentido à vida ou à morte. A humanização da saúde consegue ter a capacidade de integrar o sofrimento e a finitude do homo patiens. O sofrimento e a dor não são capazes per se de privar a vida de sentido. Uma fonte fundamental nos cuidados de saúde terá de ser a preparação para a morte, porque ela virá um dia e afectará todos nós em todas as idades.

A CRIANÇA, A MORTE E A EDUCAÇÃO

A representação da morte implica uma vontade de viver. Neste aspeto, como salienta Gadamer, “o conhecimento da própria morte está submetido a condições peculiares. Podemos perguntar em que altura da sua vida a criança é capaz de ter uma preceção da morte. Não tenho a certeza de que a psicologia moderna forneça uma resposta até certo ponto garantida, que tenha valor para uma sociedade esclarecida. É possível que parte da relação interna entre a vida e a representação da morte consista na certeza de que o fim da própria existência permanece oculto, apesar de se ir afirmando lentamente em todo o ser em desenvolvimento como um conhecimento muito profundo”⁴.

O conhecimento do significado da morte, a ser transmitido à criança, varia de acordo com alguns factores, entre os quais, o primeiro a ser considerado é o momento do desenvolvimento fisiológico e psicológico⁵.

Aspinall⁶,afirma que, desde tenra idade, a criança, tem consciência da existência da morte, embora essa consciência possa não ser identificada pelos adultos, pois é expressa com os recursos disponíveis pela criança. Nem sempre ela fala de morte, mas pode representá-la lúdica e/ou graficamente. No âmbito familiar, uma grande dificuldade para os pais está na necessidade que a criança tem de fazer perguntas, muitas vezes, complexas.

Com efeito, as crianças colocam questões difíceis e profundas sobre a vida e sobre a morte. Lembramo-nos aqui de Isabel Renaud que, em poucas páginas, no ensaio *Viver a Morte: Sabedoria e Tempo Vivido* , no qual analisa o sentido da morte sobre

⁴ Cf. GADAMER, Hans-George, - "A Experiência da Morte", in: *O Mistério da Saúde: O Cuidado da Saúde e a Arte da Medicina*, trad. de António Hall , Edições 70, Lisboa, 1993, pp. 65-72, (cit. p. 68).

⁵ Cf. KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. – *The Psychology of Death*, Springer, New York, 1965 (trad port: *Psicologia da Morte*, Edição Universidade de São Paulo, Novos Umbrais, 1983).

⁶ Cf. ASPINALL; S. – *Educating children to cope with death. A preventive model. Psychology in Schools*, 33 (4), 1996, pp. 341-349.

o decurso da vida. E a propósito da morte na infância afirma: “O que constatamos é que a criança acede dificilmente à compreensão nocional da morte. É normal, diremos, porque o uso da razão segue o relógio cronológico e o desenvolvimento físico da pessoa. Mas a primeira experiência da morte dá-se na ausência física. “Onde está o avô? No céu, perto de Jesus. Mas quando é que volta?” Conhece-mos todos estes exemplos de conversa. Mas quando se trata de um parente próximo, cuja ausência se prolonga, é difícil fazer compreender que não voltará mais. A ideia da morte parece introduzir-se na tensão entre o tempo de uma ausência provisória e o da ausência definitiva. Mas como fazer compreender o sentido do adjetivo “definitivo”? Para nós, o definitivo parece indicar a permanência de uma presença, ao passo que no caso da morte se trata da permanência de uma ausência. A criança cresce e percebe, pouco a pouco, que a morte implica um “nunca mais”. O fim do outro é o começo de um “nunca mais. Mas isso significa que a morte é ainda referida ao nosso tempo, ao tempo que continua para nós, embora afectado de uma ausência permanente do outro ... que é preciso interiorizar”. Daí a necessidade de uma psicopedagogia sobre este sentido do *tanathos* na infância. Pois “esta forma positiva de interiorização não será em geral espontânea, mas exigirá um esforço, e talvez um acompanhamento incisivo, para fornecer o estímulo capaz de despoletar [na criança e] em nós a energia espiritual necessária a esta interiorização. Não se poderia dizer mais claramente que a interiorização é uma tarefa ética, um caminhar activo e não passivo, um itinerário pessoal, nem dispensável, nem substituível”⁷.

Quando alguém da família de uma criança morre, ainda que se tente omitir ou negar, ela irá perceber através das atitudes transformadas dos familiares ao redor. O facto é que mais cedo ou mais tarde ela descobrirá. Omitir-lhe a verdade seria grave, seria ignorá-la, só porque ela não fala como os adultos, como exclui-la da família, e pior ainda, se as pessoas mais próximas em que ela deposita toda a confiança, não forem capazes de falar sinceramente sobre a morte, ela tomará isso como um modelo a seguir e nem ousará perguntar a respeito daquilo que a sua percepção lhe diz.

O que os adultos não sabem, é que as crianças questionam, sem angústia, sobre a morte até cerca dos sete anos. Por volta dos três anos de idade esta questão começa a aparecer. Existem animais que morrem em torno delas, elas ouvem histórias e conversas. Logo, o conceito de que as coisas acabam, e que os limites existem, já está estabelecido desde muito cedo.

Se a criança estiver bem amparada, terá mais hipóteses de elaborar, da forma mais sadia possível, o momento do luto⁸. Segundo Pettle e Britten⁹, as crianças com menos de cinco anos sabem que a morte existe, mas não atingem a sua finalidade, podendo perguntar quando é que a pessoa morta volta à vida. É útil — na pers-

7 RENAUD, Isabel Carmelo Rosa – “Viver a Morte: Sabedoria e Tempo Vivido”, in: *O Fim da Vida* (Cord. de SILVEIRA DE BRITO, José Henrique) Publicações da Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2007, pp. 141-153 (cit. pp. 143; 145).

8 Cf. KÜBLER-ROSS, E. – *Vivre avec la mort et les mourants*. Éd. du Rocher, Genève.1984 (original de 1981: *Living with death and dying*).

9 Cf. PETTLE, S. e BRITTON, C. – *Talking with children about death and dying*, in: *Child Care, Health and Development*, 21 (1995), pp. 395-404.

petiva educacional — dar-lhes explicações conforme o seu pensamento. Entre os cinco e os dez anos vão gradualmente dando-se conta da irreversibilidade da morte. Fornecer-lhes informações sobre os seus diversos aspectos, pode ser muito útil.

Como agir com a criança quando morre um familiar ou amigo? Sabemos que depende de muitas circunstâncias, desde a idade, o temperamento, o mundo das suas afinidades electivas, a relação, até aos vínculos afectivos, que ligavam a criança ao defunto, a autoestima e o meio envolvente. Cada caso é um caso; não há, neste âmbito em análise, receitas genéricas. De qualquer modo, não se deve fazer “tabu” da morte nem ocultar, ao máximo e ao mínimo, a realidade à criança, fazendo de conta que nada aconteceu, retirando-a de imediato de casa e outras atitudes comportamentais ao esconder a realidade, pois isso é mais prejudicial do que a verdade, na medida em que a criança já intui o acontecimento da morte.

Daí que seja melhor ir preparando, gradual e progressivamente, a criança para a hermenêutica do que se passa em seu redor e caso se trate de doença mortal, as pessoas que lhe são próximas devem ter uma atitude pedagógica no anúncio das más notícias baseadas na verdade, para não ouvir o triste acontecimento na escola ou por alguém menos representativo. Quando se dá o desenlace, melhor será deixar que a criança seja interlocutor ativo no processo, pedindo a sua opinião, por exemplo, se quer ver o morto, se quer ir ao funeral, etc. Se ela manifesta vontade de ver, deve ser preparada de algum modo (por exemplo, se quer beijar o defunto, diga-se-lhe antes que o corpo já está frio) e todos os presentes devem evitar um clima demasiado emotivo e pesado. Pois, a criança, ao menos a partir dos 7 anos, já tem de fazer o seu trabalho de luto¹⁰, (com)vivendo a perda de modo sadio, porque se for reprimida, as manifestações psicossomáticas e ainda o insucesso escolar e outras expressões podem ser dramáticas.

Uma hermenêutica correta de educação tanatológica aponta no sentido de que não se deve protelar o luto, não iludindo a criança, como se o morto ainda vivesse. Em contrapartida, talvez as crianças não sofram tanto como nós adultos, considerando a morte mais natural, desde que o ambiente vital seja mais favorável, visto que não se sinta isolada pela família e da família, do grupo, dos seus pares, embora a referência à família, aos amigos e colegas seja significativa na infância¹¹.

10 Sobre o luto, ver: GONZÁLEZ, A. – “Aspectos normales y patológicos del duelo”, in: *Cuadernos de Psicoanálisis*, I, 1 (1965), pp. 83-97. Alguns exemplos de definições: Freud (1917) considerava o luto como uma “reacção à perda de um ente querido, à perda de alguma abstracção que ocupou o lugar de um ente querido, como os pais, a liberdade ou o ideal de alguém”. Também Kaplan & Sadock (1996) definem o luto como um “síndrome precipitado pela perda de um ente querido”, Rojas (2001), no dealbar deste novo milénio, define-o como um “processo psicológico pelo qual a tristeza experimentada por perdas significativas é dissipada” e Rebelo (2006) enuncia-o como “um período mais ou menos longo que é necessário viver, após a perda de um ente querido para que todos os momentos belos com ele partilhados se transformem em doces e suaves memórias”. A literatura compulsada foi a seguinte: FREUD, S. – “Luto e melancolia” (1917 [1915]), in: *Obras psicológicas completas*: edição standard brasileira, Vol XIV, Imago, Rio de Janeiro, 1987; KAPLAN, H. I. e SADOCK, B. J. – *handbook of clinical psychiatry*, 2^a edição, Williams & Wilkins, Baltimore, 1996; ROJAS, G. – “Luto patológico?: a propósito de um caso”, in: *Psiquiatria Clínica*, 22, 2 (2001), pp. 205-507; REBELO, J. E. *Desatar o nó do luto: silêncios, receios e tabus*, 2^a edição, Casa das Letras, Lisboa, 2006.

11 Cf. PETTLE, S. e BRITTON, C. – *Talking with children about death and dying*, in: *Child Care, Health and Development*, 21 (1995), pp. 395-404.

Porém, um problema grave é quando crianças ficam órfãos ou quando perdem um irmão. Cada criança reage de modo singular, umas através do isolamento, outras através do pranto convulsivo e, muitas ainda, com complexos de culpabilidade, julgando ter contribuído para a morte do ente querido, sobretudo se havia uma má relação ou se estava a viver o complexo de Édipo, com ciúmes do irmão. Um outro problema, a ter em consideração, antes da morte, é como comunicar a doença e, após a morte, se se deve deixar a criança estar presente no funeral. Certamente que a noção que a criança tem do morrer e da morte é diferente da do adulto: até aos cinco anos — como salienta Barros de Oliveira¹² — a criança não considera a morte como um ato consumado, esperando o ‘regresso’ da pessoa. Depois a morte continua a ser vista como uma intervenção exterior, como uma espécie de rapto e só pelos 9 ou 10 anos a considera como um processo biológico permanente.

Rememorando a infância e a experiência da morte na terceira pessoa, Daniel Serrão afirma: “ Tenho da infância uma recordação brumosa que, às vezes, abre uns inesperados clarões. Julgo que a mais antiga remonta à primeira classe. A Professora disse: hoje não há lição, vamos acompanhar o António que morreu. Fomos, em fila, de bibe e mãos dadas, ver o que tinha acontecido. No casebre, sobre as areias da Praia Norte, estava o António numa caixa de madeira forrada de branco, frio, morto. Chegou o Padre, mais alguém com um estandarte, outro com uma caldeira com água. Fui a pegar no caixão até que o meteram na terra, já aberta para o receber. Voltei para casa sem lágrimas e recordo que esta morte só me fez perceber que as pessoas morriam. Nada registei sobre o ceremonial religioso; só recordo que estava vento, que o homem ao lado do Padre tinha dificuldade em segurar o estandarte e que o Padre borrifou o caixão aberto com a água da caldeira”¹³.

Kuebler-Ross dedica atenção especial às crianças que, segundo ela, morreriam com a maior das naturalidades, não fosse os adultos fazerem da morte um mistério e dramatizarem demasiado a situação. Salienta, também, que a primeira intuição sobre a morte na criança passa pelo medo de separação dos pais e pelo medo de alguma mutilação, particularmente quando atravessa o complexo de Édipo com o consequente medo de castração. Só pelos 8 ou 9 anos, as crianças percebem a morte como um acontecimento definitivo. De qualquer modo, devemos usar com elas a máxima sinceridade e honestidade e deixá-las exprimir livremente os seus sentimentos¹⁴.

Devemos respeitar, no mínimo, a maneira como as crianças encontram para superar o momento da morte. Elas colocam perguntas e buscam o conhecimento, e nós adultos que, muitas vezes, pensamos que sabemos tudo, ouvimos delas as melhores respostas para as perguntas a que não saberíamos responder¹⁵.

12 Cf. BARROS, J., BARROS, A. – “Definições e representações da morte: resultados em jovens estudantes caboverdianos e portugueses”, in: *Revista Portuguesa de Educação*, 10, 1 (1997), 15-23.

13 Cf. PEREIRA, Henrique Manuel S. - *Daniel Serrão. Aqui Diante de Mim*, Esfera do Caos Editores, Lisboa, 2011, p. 27 (sublinhados nossos).

14 Cf. KÜBLER-ROSS, E. – *Vivre avec la mort et les mourants*. Éditions du Rocher, Genève, 1984 (original de 1981: *Living with death and dying*).

15 Aliás, as questões éticas que a morte suscita têm fundamentalmente a ver com a desejo de controlar quando se morre, como se morre e onde se morre. A este propósito reportamo-nos

Na segunda parte do livro *Vivre avec la mort les mourants*, Kuebler-Ross, (e redigido por Furth) trata da interpretação dos desenhos das crianças em fase terminal, através da análise de alguns casos, enquanto na terceira parte, (escrita por Elliott), trata dos pais integrados na equipa de cuidados e apoio aos moribundos, falando de algumas dificuldades, como a experiência da mãe permanecer no hospital junto do filho a tempo inteiro, como falar da morte e o pressentimento que a criança tem da mesma, como passar os últimos dias, etc. Finalmente, na última parte, novamente da responsabilidade de Ross, é apresentado um caso de morte por acidente¹⁶. E conclui que “fomos criados para a vida simples, bela e maravilhosa”¹⁷. Esta psiquiatra norte-americana, de origem suíça, ultrapassa os limites da ciência ao insistir no que acontece para além da morte, domínios que propriamente só a filosofia e a teologia ousam descrever , concluindo que “é um presente estar sentado à cabeceira dos moribundos”, e que “o morrer não é necessariamente uma coisa triste e terrível”, se comunicarmos às crianças o que aprendemos dos moribundos, “este mundo será em breve um novo paraíso”¹⁸. Por isso, também eles podem ser reportados como paradigma do triângulo de amor em que basearam o seu viver quotidiano, tornando-se para nós, na infância, uma referência obrigatória. Na verdade, as três dimensões antropológicas do amor, são: a “vinculação”, exigindo a proximidade da pessoa amada, que confere a sensação de segurança física; o “compromisso”, rodeando o outro de cuidados e mimos que o provêem de bem-estar; a “convivência”, desejando o cônjuge ou idealizando-a nas fases iniciais da vida. O amor consumado, como nos diz Sternberg¹⁹,é o que comporta de modo equilibrado as significâncias das vertentes referidas.

Quando era criança, lembro-me de a minha mãe me segredar, (para rememorar e partilhar): *vivamos a sabedoria / d'amizade e do amor, vivamos n'alegria / de dar a vida sem morrer! ... E chegar ao fim da jornada/ bem cansada, bem feliz!*

Por isso, também, não poderei esquecer que, as diversas perdas que já sofri, a morte dos avós que coadjuvaram a minha criação e ,ainda, a mais dolorosa, a morte dos meus pais, foram colocando em mim, logo no começo, as marcas de um *memento mori* no meu percurso existencial, social e na felicidade familiar. A educação para aceitação da morte de um familiar de uma criança terá de ser um exercício lento e de todos os dias. Esta aceitação levo o seu tempo a sedimentar e a cicatrizar. Terá de ser exercício constante de todos os familiares, a fim de que a criança perceba que se tratou de uma definitiva.

à nossa leitura do profundo ensaio de **GIL**, Fernando – “Mors certa, hora incerta”, in: *Acentos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

16 Cf. **KUEBLER-ROSS**, E. – *Vivre avec la mort et les mourants*. Éditions du Rocher, Genève, 1984.

17 **KUEBLER-ROSS**, E. – *La mort est un nouveau soleil*, Éditions du Rocher, Genève, 1988 (original de 1984: *Ueber den Tod und das Leben danach*), p. 37. Trata-se da recolha de conferências e gravações realizadas pela autora em diversas ocasiões.

18 *Ibid.* p. 40.

19 Para mais pormenores, ver: **STERNBERG**, R. J. – “A triangular theory of love”, in: *Psychological Review*, 93 (1986), pp. 119-135.

CONCLUSÕES

Todos os seres humanos aceitam a morte por meio de uma forma singular, mormente no caso de uma criança. Daqui termos chegado às seguintes conclusões:

1. A paciência ajuda a manter a esperança do coração. Esta ajuda a manter a esperança e dá sentido à vida e ao sofrimento. Ser paciente significa não se deixar roubar, ao ser transparente de alma, pelas feridas sofridas porque a caridez é paciente.

A paciência mantém o homem na possessão da sua alma, sendo a virtude da personalidade livre, onde o homem não se deixa arrastar para um estado de tristeza. Assim, esta é uma virtude fundamental na humanização, porque não exclui uma actividade empreendedora, mas somente exclui um coração triste e desorientado.

A paciência é a quinta essência de uma depurada vulnerabilidade interna. Mas, para curar o sofrimento e dar-lhe sentido ético, teremos que incorporar, além da paciência, a esperança.

Perante a realidade humanizadora, a abertura humana, em ordem ao futuro, necessita de “projecto”. A espera humana, inerente ao projecto de humanização, poderá ser enriquecimento ou deficiência, apoiada na confiança ou ferida pela desconfiança. Mas, nem a confiança pode ser segurança total no bom êxito, nem a desconfiança pode ser certeza absoluta num fracasso total, porque há a “competência” do clínico;

2. O sofrimento é humanizador porque determina o amadurecimento do doente, dando outro significado à vida e denotando-o com uma pedagogia própria a tal ponto que, segundo J. González-Anleo, o λόγος e o πάθος estão condicionados pela percepção do sofrimento, bem como pelo cuidado do *homo dolens*. A morte de uma criança exige muita paciência por parte dos pais e dos profissionais de saúde, para lidar com a sua dor e os seus sofrimentos.

De tudo quanto se disse, afigura-se que a dor é um processo, enquanto que para uns o sofrimento é condição da vida e da doença; para outros, apresenta-se como mistério.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LERNER, R., EASTERBROOKS, M., e MISTRY, J. (Eds.) – *Handbook of psychology*, Vol. 6. -Development psychology, John Wiley & Sons, New York, 2003.
2. BRIM, O., KAGAN, J. – *Constancy and change in human development*, Harvard University Press, Cambridge, 1980.
3. FULLAT, O. – *Las finalidades educativas en tiempo de crisis*, Hogar del Libro, Barcelona,
4. KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. – *The Psychology of Death*, Springer, New York, 1965 (trad port: *Psicología da Morte*, Edição Universidade de São Paulo, Novos Umbrais, 1983);

5. GADAMER, Hans-George, - "A Experiência da Morte", in: O Mistério da Saúde: O Cuidado da Saúde e a Arte da Medicina, trad. de António Hall , Edições 70, Lisboa, 1993.
6. KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. – The Psychology of Death, Springer, New York, 1965 (trad port: Psicologia da Morte, Edição Universidade de São Paulo, Novos Umbrais, 1983).
7. ASPINALL; S. – "Educating children to cope with death. A preventive model". in:Psychology in Schools, 33 (4), 1996, pp. 341-349.
8. RENAUD, Isabel Carmelo Rosa – "Viver a Morte: Sabedoria e Tempo Vivido", in: O Fim da Vida (Cord. de SILVEIRA DE BRITO, José Henrique) Publicações da Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2007, pp. 141-153.
9. KÜBLER-ROSS, E. – Vivre avec la mort et les mourants. Éd. du Rocher, Genève.1984 (original de 1981: Living with death and dying).
10. GONZÁLEZ, A. – "Aspectos normales y patológicos del duelo", in: Cuadernos de Psicoanálisis, I, 1 (1965), pp. 83-97.
11. FREUD, S. – "Luto e melancolia" (1917 [1915]), in: Obras psicológicas completas: edição standard brasileira, Vol XIV, Imago, Rio de Janeiro, 1987.
12. KAPLAN, H. I. e SADOCK, B. J. – Handbook of clinical psychiatry, 2ª edição, Williams & Wilkins, Baltimore, 1996;
13. ROJAS, G. – "Luto patológico?: a propósito de um caso", in: Psiquiatria Clínica, 22, 2 (2001), pp. 205-507;
14. REBELO, J. E. Desatar o nó do luto: silêncios, receios e tabus, 2ª edição, Casa das Letras, Lisboa, 2006.
15. PETTLE, S. e BRITTEN, C. – "Talking with children about death and dying", in: Child Care, Health and Development, 21 (1995), pp. 395-404.
16. BARROS, J., BARROS, A. – "Definições e representações da morte: resultados em jovens estudantes caboverdianos e portugueses", in: Revista Portuguesa de Educação, 10, 1 (1997), pp.15-23.
17. PEREIRA, Henrique Manuel S. - Daniel Serrão. Aqui Diante de Mim, Esfera do Caos, Editores, Lisboa, 2011.
18. GIL, Fernando – "Mors certa, hora incerta", in: Acentos, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
19. KUEBLER-ROSS, E. – La mort est un nouveau soleil, Éditions du Rocher, Genève, 1988 (original de 1984: Ueber den Told und das Leben danach).
20. STERNBERG, R. J. – "A triangular theory of love", in: Psychological Review, 93 (1986), pp. 119-135.
21. DI MARIO, V.J.- Forensic Pathology, second edition, CRC Press, London, 2000.
22. SAUKKO, P.; KNIGHT, B. – Knight's Forensic London, Pathology, Arnold, 2001.
23. JACKSON, A. R. ; JACKSON, W.B. – Forensic Science, Pearson, 2008.
24. B. DOMINGUES, "Nós e os Moribundos", in: Acção Médica, 52 (1988), pp.135-142.
25. G. SOVERNICO, "Prospettiva psicologica e teologica a confronto da fronte al dolore/sofferenza", in: Studia Patavina, 45 (1998), pp.101-109.
26. D. TETTAMANZI, Bioética, defendere la frontière della vita, Roma, E. Piemme, 1996.
27. E. LÉVINAS, "La souffrance inutile", in : Les Cahiers de la nuit surveillée, Paris, E. Verdier, 1984, pp.329-338.
28. E. LÈVINAS, Die Zeit und die Andere, trad. do francês, Hamburg, F. Meiner Verlag, 1984.
29. E. LÉVINAS, Entre nous: essais sur le pensé à l'autre, Paris, B. Grasset, 1991, 108].
30. F. NIETZSCHE, Menschliches, Allzumenschliches, in: Nietzsche Werke, II, Berlin, W. de Gruyter, 1967.

31. S. Urraca MARTINEZ (ed.), *Eutanasia Hoy: un debate abierto*, Madrid, Noesis, 1996.
32. J. MELO, *Dor Oncológica, guia práctico*, Coimbra, Pôntica, 1998.
33. P. D. WALL; P. MELZACK, *Textbook of Pain*, Edinburg, Churchill Livingstone, 1994.
34. A. R.de la SERNA, "Los nombres del dolor", in: *Dolor*, 16 (2001), pp.163-187.
35. V. E. FRANKL, *El hombre doliente*, trad. do alemão, Barcelona, Herder, 1994.



Marian Szołucha

Społeczna Akademia Nauk, Poland

Sytuacja i perspektywy rynku podręczników w Polsce / Situation and prospects of the textbook market in Poland

Abstract

The publishing sector in Poland generates about 0.5 percent of GDP. Number of employees in the book industry as a whole is more than 80 thousand and in the publishing houses – almost 6 thousand. In recent years, the situation of the sector steadily worsens, including as a result the government action, such as raising the VAT rate in 2011.

Textbooks are a segment of the book industry with the highest value. It is, depending on the methodology, from 840 million PLN to approximately 1.3 billion PLN.

The main problems associated with the distribution of books are: a steadily increasing number of issued titles, prolonged sale of inventory from the previous years, difficulties of EMPiK trade policy, monopoly of some wholesalers and a decline in sales of traditional bookselling in favor of online purchases, including used books.

Situation of printing companies is slightly better, although the problems of the entire market reflects on this sector as well. Particularly on smaller companies. Government programs – e-books and free textbooks are one of the most serious threats to the entire book market.

Key words: textbook, publishing house, book industry.

liczba zatrudnionych w całym polskim przemyśle książki wynosi obecnie ponad 80 tys. osób, a podręczniki są największą częścią tego rynku.

Sektor wydawniczy w Polsce generuje ok. 0,5 proc. PKB, a więc mniej więcej tyle, ile rząd przeznacza rocznie na programy aktywizujące bezrobotnych, realizowane przez powiatowe urzędy pracy w całym kraju.

W 2012 r. w samych wydawnictwach pracowało 5860 osób. Przez ostatnich dziesięć lat zatrudnienie w tym sektorze spadało, choć nie systematycznie. Od roku 2010 sytuacja wygląda jednak tylko gorzej. Spadek zatrudnienia na etatach w 2012 r. wyniósł 5 proc.

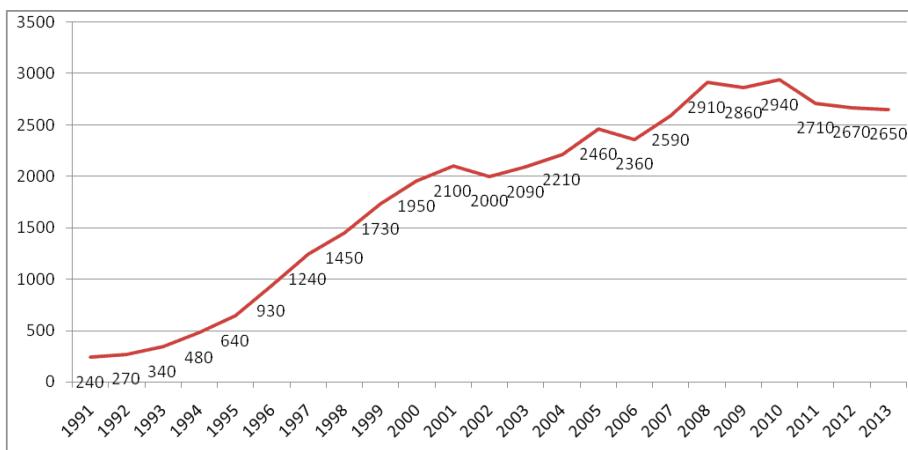
Przemysł książki w Polsce przechodzi w ostatnich latach istotne zmiany, a według oceny wielu ekspertów znajduje się obecnie w okresie przejściowym, zaś prognozowany kierunek zmian jest bardzo niekorzystny i dlatego oczekiwane są działania prewencyjne.

Negatywnie oceniane jest zwłaszcza podniesienie podatku VAT od 1 stycznia 2011 r. z poprzednio obowiązującej stawki zerowej, uznawanej za ważny i świadomy czynnik wspierający książkę i czytelnictwo w Polsce, do poziomu 5 proc., co w rezultacie przyniosło niewielkie dodatkowe wpływy do budżetu, a spowodowało spadek łącznych przychodów ze sprzedaży książek w roku 2011 i w latach następnych oraz oczywiście wpłynęło na podwyższenie jednostkowej ceny książki, zarówno ceny detalicznej (książek do 10 proc., a podręczników nawet 15–20 proc.), jak i tzw. ceny zbytu wydawców.

Należy też wspomnieć o nałożeniu podstawowej stawki VAT (23 proc.) na tzw. e-booki, które traktowane są pod względem podatkowym jako usługa. Skutkuje to niemal równymi cenami tych samych książek w wersji drukowanej i elektronicznej, co poważnie powstrzymuje rozwój tych drugich.

Spadek przychodów ze sprzedaży książek, który rozpoczął się w roku 2009, po blisko dwudziestoletniej tendencji wzrostowej (łącznie o ponad 1100 proc.), oznacza również mniejszą ilość kupowanych książek, a więc coraz niższy poziom czytelnictwa¹. Co gorsza, z podanych wyżej przyczyn, spadek zainteresowania książką drukowaną nie jest równoważony wzrostem sprzedaży e-booków.

Rys. 1. Przychody ze sprzedaży książek w Polsce (w mln zł).



Źródło: Biblioteka Analiz.

1 Dane Instytutu Książki i Czytelnictwa Biblioteki Narodowej.

Tab. 1. Przychody ze sprzedaży książek według typów literatury.

	2010		2011		2012	
	Wartość sprzedaży (w mln zł)	Udział w sprzedaży ogółem (w proc.)	Wartość sprzedaży (w mln zł)	Udział w sprzedaży ogółem (w proc.)	Wartość sprzedaży (w mln zł)	Udział w sprzedaży ogółem (w proc.)
Literatura piękna	440	15,0	355	13,1	345	12,9
Literatura dziecięca	220	7,5	160	5,9	150	5,6
Lektury szkolne	65	2,2	60	2,2	55	2,1
Książka szkolna	810	27,6	815	30,1	840	31,5
Naukowa i fachowa	980	33,3	985	36,3	975	36,5
Książki ilustrowane	150	5,1	115	4,3	105	3,9
Literatura Religijna	160	5,4	125	4,6	120	4,5
Inne (w tym nuty i kartografia)	115	3,9	95	3,5	80	3,0
Ogółem	2940	100,0	2710	100,0	2670	100,0

Źródło: Rynek książki w Polsce 2013.

Tab. 2. Liczba sprzedanych książek (w mln egzemplarzy).

2007	2008	2009	2010	2011	2012
140,4	147,1	143,6	139,8	119,3	115,5

Źródło: Rynek książki w Polsce 2013.

Widoczny zwłaszcza na rys. 1. i w tab. 2. gwałtowny spadek przychodów i sprzedaży w 2011 r. był efektem właśnie podwyższenia VAT na książki. Decyzję tę należy

zatem uznać na ruch nieprzemysły i skutkujący zmniejszeniem zainteresowania książkami w sytuacji i tak notowanego od lat spadku czytelnictwa.

Ludność Polski to 7,5 proc. całej populacji Unii Europejskiej, ale polski rynek książki to zaledwie niecałe 3 proc. rynku europejskiego (w 2012 r. – 637 mln euro do 22,5 mld euro).

Na koniec 2013 roku w Polsce działało ponad 38,3 tys. wydawców². 98 proc. wszystkich przychodów ze sprzedaży książek generowane jest jednak przez niepełna 300 z nich. Rośnie też liczba wydawanych tytułów. Za to spada łączny i średni nakład książek.

W Polsce istnieje 1850 księgarń. To prawie o 30 proc. mniej niż jeszcze pięć lat temu. Bibliotek publicznych, których liczba systematycznie spada od początku lat 90., w 2012 r. było 8342. Od 2004 roku (poza rokiem 2011) spada też liczba korzystających z nich.

W ostatnich latach nie zmienia się natomiast znacząco sytuacja autorów.

PODRĘCZNIKI JAKO NAJWIĘKSZY SEKTOR RYNKU KSIĄŻKI

Dowodem na prawdziwość tezy zawartej w tytule tego rozdziału jest już sam fakt, iż w rankingu największych polskich wydawnictw w 2012 r. na pierwszym miejscu uplasowała się Nowa Era, a na drugim Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne.

Rynek książki szkolnej należy określić jako bardzo skoncentrowany. Obejmuje on 80 podmiotów, spośród których trzynaście wydaje podręczniki do kształcenia zintegrowanego w klasach I-III, a trzy specjalizują się tylko w tym segmencie. Przy czym, ok. 90 proc. rynku opanowane jest przez dziesięciu wydawców, 2/3 przez pięciu największych, a wspomniane Nowa Ewa i WSiP kontrolują prawdopodobnie ponad połowę. Ich udział w całym rynku książki wynosi bowiem ok. 19 proc., a książka szkolna to 31,5 proc. rynku książki.

Wartość rynku książki w Polsce (mierzona w cenach zbytu wydawców) wyniosła w 2012 r. 2,67 mld zł. Rynku książki szkolnej 840 mln zł (przy uwzględnieniu 35-procentowej marży dystrybutorów, czyli z punktu widzenia konsumenta ok. 1,3 mld zł). Według danych spółki Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne, rynek podręczników do klasy I to obecnie ok. 70 mln zł, a do klas I-III ok. 210-230 mln zł.

Podręczniki są więc segmentem rynku książki o najwyższej wartości łącznej. Jego największe zagrożenie to brak współpracy Ministerstwa Edukacji Narodowej, w szczególności w obrębie programu „Cyfrowa Szkoła”, którego ważnym elementem są bezpłatne podręczniki elektroniczne, a także omawianego w niniejszym opracowaniu planu wprowadzenia od września 2014 r. jednego (bez możliwości wyboru przez nauczyciela), bezpłatnego podręcznika (najpierw do pierwszej klasy szkoły podstawowej).

2 Dane Biblioteki Narodowej.

Prawdopodobnie przynajmniej częściowo wynika to z nieporozumień, wręcz mitów wokół rynku podręczników w Polsce. Tak ujmuje sytuację Piotr Marciszuk, wieloletni przewodniczący Sekcji Wydawców Edukacyjnych Polskiej Izby Księgą:

„Jednym z mitów jest rzekoma niemożliwość korzystania z używanych podręczników. W rzeczywistości około 60 proc. obrotu to podręczniki używane. Kolejny mit to – zdaniem niektórych – zbyt wielka liczba podręczników dopuszczonych przez MEN do użytku szkolnego. Rzeczywiście, nauczyciel może obecnie wybierać spośród kilku podręczników do danego przedmiotu w zależności od poziomu klasy i realizowanego programu. Czy to wada? Naszym zdaniem wysoki poziom edukacji w Polsce, porównywalny z europejskim, to m.in. zasługa różnorodności podręczników i wieloletniej pracy nad stałym podnoszeniem ich jakości. Nauczyciele doceniają możliwość doboru odpowiedniego podręcznika. Warto również podkreślić, że stworzenie podręcznika wymaga wieloletniej pracy sztabu specjalistów zatrudnionych w wydawnictwach oraz żmudnej analizy recenzentów. Wszystko po to, aby do uczniów trafiały podręczniki najwyższej jakości.

SWE PIK deklaruje, że jest w pełni gotowa do współpracy przy dalszej regulacji rynku podręczników i oczekuje pomocy ze strony instytucji państwowych w celu ustalania wyraźnych kryteriów, na podstawie których odbywać powinna się współpraca wydawnictw ze placówkami edukacyjnymi. Szczególnie cenny w tej dyskusji będzie dla nas także głos środowiska rodziców. Chcemy czystych zasad i czystego rynku.

Wydawnictwa edukacyjne od początku przemian ustrojowych w Polsce realizują misję wspierania rozwoju edukacji i podnoszenia jej poziomu. Służą temu przede wszystkim przygotowywanie i dostarczanie profesjonalnych podręczników oraz obudowy metodycznej. Od wielu lat szkołą nauczycieli do nowych rozwiązań edukacyjnych, w tym do pracy z podręcznikami cyfrowymi oraz realizują wiele inicjatyw wspierających rozwój zawodowy środowiska nauczycielskiego. W ramach misji społecznej odpowiedzialności biznesu, wydawnictwa współpracują z partnerami społecznymi, realizując programy edukacyjne dla dzieci i młodzieży, dostarczając dzieciom z mniej zamożnych rodzin podręczniki i pomoce dydaktyczne oraz wspierając wiele innych pożytecznych społecznie inicjatyw. Do dzisiaj w sposób zgodny z prawem zaopatrują nauczycieli w używane przez nich podręczniki i obudowę metodyczną, wydając na to w skali kraju miliony złotych.”³

Warto dodać, że wydawców książki szkolnej oskarża się również o swego rodzaju korumpowanie dyrektorów szkół i nauczycieli w procesie decyzyjnym dotyczącym wyboru podręczników. SWE PIK odpowiada na to w następujący sposób: „Przekonywanie, że szkoły nagminnie przyjmują ‘prezenty’ od wydawnictw w postaci sprzętu elektronicznego wprowadza opinię publiczną w błąd. Nieprawdziwe są także informacje, że w cenę podręcznika wpisany jest koszt sprzętu wręczanego nauczycielom.” Jednak dla ostatecznego rozwiania wątpliwości, grupa wydawców skupionych z własnej inicjatywy wycofała się z tego rodzaju wspierania szkół. Po-

³ Cyt. za P. Dobrołęcki, *Przemysł książki w Polsce, Sytuacja na przełomie 2013 i 2014 roku*, Warszawa 2014, s. 20.

stanowienie w tej sprawie wpisano do Kodeksu Dobrych Praktyk. Zabrania ono jakiegokolwiek pozamerytorycznego wpływania na decyzje nauczycieli. Od 2013 r. obowiązuje wszystkich członków SWE PIK. Wydawcy, którym udowodnione zostanie łamanie jego zapisów, będą wykluczani z Sekcji.

SWE PIK często przypomina, że wydawcy przekazują nauczycielom zgodnie z prawem podręczniki i poradniki, które są podstawowymi narzędziami ich pracy.

Nieprawdziwe są informacje, jakoby np. 20 proc. ceny podręcznika przeznaczane było na zakup „prezentów” dla nauczycieli. Przeczy temu następująca kalkulacja: prace redakcyjne, zakup licencji i praw autorskich – 25 proc. ceny; koszt papieru, druku, oprawy i transportu – 20 proc., marża dystrybutorów – 35 proc.; zysk wydawnictwa stanowi – 10 proc. Reszta to podatek VAT oraz materiały i wsparcie dydaktyczne.⁴

DYSTRYBUCJA

Z powodu stale rosnącej liczby wydawanych w Polsce tytułów książek w Polsce (dziennie do 100), ich sprzedaż staje się coraz większym problemem.

Duży, bo 50-procentowy (choć malejący) udział w tym rynku mają hurtownie książek. Ich liczba w ostatnich latach spada. Obecnie wynosi ok. 230. Azymut, FK Jacek Olesiejuk, Platon i Wikr to największe sieci sprzedaży. Udział tych i innych dominujących podmiotów rośnie. Ok. 20 proc. książek sprzedawane jest przez własne kanały wydawnictw.

Istotnym problemem jest przedłużająca się wyprzedaż zapasów z lat poprzednich, trudności polityki handlowej sieci Empik, a także oraz spadek sprzedaży księgarstwa tradycyjnego.

Widoczny jest odpływ klientów z księgarń do zakupów w Internecie, w tym nabycenia książek używanych, przez co spada wartość sprzedaży na rynku pierwotnym. Z siecią wiąże się też zjawisko nieformalnego obiegu treści objętych prawami autorskimi, czyli piractwo.

Kolejny problem z punktu widzenia wydawców i poligrafii, spowodowany praktykami hurtowników, to wydłużanie terminów płatności w umowach i nieterminowe regulowanie zobowiązań. Winna jest temu zbliżona do monopolistycznej pozycja niektórych hurtowni.

Obserwowane jest rosnące zaangażowanie kapitałowe dużych firm dystrybucyjnych w sektor wydawniczy. Firma Księgarska Jacek Olesiejuk utworzyła odrębne wydawnictwo Olesiejuk Sp. z o.o., które notuje coroczny wzrost i w 2012 r. osiągnęło przychód ze sprzedaży książek na poziomie 86,05 mln zł, a sieć Empik dynamicznie weszła do segmentu wydawniczego tworząc w 2012 r. Grupę Wydawniczą Foksal, obejmującą wydawnictwa: Buchmann, W.A.B. i Wilga.

4 *Rynek podręczników w Polsce – skutki administracyjnego regułowania cen*, Instytut Badań nad Gospodarką Rynkową, Warszawa 2006.

W Polsce działa 1850 księgarń. Przez ostatnie pięć lat zlikwidowano jednak 700 placówek. Jest to wynik m.in. brutalnych praktyk konkurencyjnych sklepów wielkopowierzchniowych i niektórych sieci księgarskich wobec księgarń niezależnych. Duże podmioty oferują klientom niższe ceny, ponieważ, wykorzystując swoją pozycję rynkową, wymuszają wysokie rabaty. Tymczasem niezależne, profesjonalne księgarnie, które tracą klientów, pełnią ważną rolę kulturotwórczą.

Konkurencją dla księgarń jest też kanał sprzedaży internetowej, który obejmuje co najmniej kilkaset podmiotów, od największych (Allegro.pl, Merlin.pl, Empik.com) po niewielkie firmy jednoosobowe. W roku 2014 do Polski ma wejść światowy gigant Amazon, którego działalność jeszcze bardziej utrudni prowadzenie biznesu księgarzom. Sprzedawcy internetowi oferują często książki po cenach niższych niż katalogowe. Z drugiej strony zwykle nie mogą, jak to jest w przypadku tradycyjnych księgarń, udzielić klientowi spersonalizowanej porady odnośnie wyboru książki czy udostępnić oferowanych publikacji do przejrzenia.

Książki stanowiły w 2013 r. 40 proc. ogółu towarów kupowanych w Polsce przez Internet. Lepiej sprzedawały się tylko ubrania (42 proc.) i kosmetyki (41 proc.).⁵ Tylko w grudniu przez serwis Allegro kupiono 589 tys. książek.

POLIGRAFIA

Moce produkcyjne polskiego przemysłu poligraficznego są wyższe niż aktualne zapotrzebowanie wydawców. Wymusza to na drukarniach poszukiwanie zamówień z zagranicy.

W zakresie papieru i pozostałych surowców poligraficznych rysuje się tendencja do wzrostu cen.

Większość wydawanych w Polsce tytułów to niskie nakłady wykonywane techniką cyfrową. Z ponad 30 tys. ukazujących się rocznie pozycji ponad 2/3 stanowią te o nakładach nieprzekraczających 500 egz. Średni nakład w 2013 r. wyniósł prawie 4 tys. egzemplarzy.

Według Polskiej Agencji Rozwoju Przedsiębiorczości, stopień zagrożenia małych firm poligraficznych upadłością zbliżył się do 30 proc., podczas gdy w poprzednich latach wałał się w przedziale 15-30 proc. Nieco lepiej radzą sobie większe podmioty. Dane Głównego Urzędu Statystycznego, które obejmują firmy zatrudniające nie mniej niż 10 osób, dowodzą, że rok 2012 przyniósł wzrost zysku netto w branży.

NAJWAŻNIEJSZE ZAGROŻENIA RYNKU WYDAWNICZEGO

Do najpoważniejszych zagrożeń rynku polskiej książki należą:

- Spadek czytelnictwa,
- Brak reakcji państwa na „szarą strefę” w Internecie,

⁵ Dane IRCenter i SW Research.

- „Przyzwolenie” państwa na naruszanie własności intelektualnej,
- E-podręczniki i darmowe podręczniki,
- Opór czytelników przed jednakową ceną książki i e-książki,
- Globalizacja i koncentracja dystrybucji,
- Podaż taniej książki,
- „Szara strefa” sprzedaży internetowej,
- Mniejsze nakłady, wyższa cena,
- Przejęcia i upadłości małych wydawnictw i księgarń,
- Wtórny rynek podręczników szkolnych,
- Brak pomysłu na walkę z reprografią,
- Pauperyzacja części inteligencji,
- Preferencje młodzieży w stosunku do innych mediów,
- Regres klubów książki,
- Wydłużanie terminów płatności,
- Kryzys w UE, trudniejszy dostęp do środków unijnych,
- Przejście zdigitalizowanych treści przez inne kanały dystrybucji.⁶

W uzasadnieniu do ustawy zapisano, że proponowane zmiany polegają na:

1. nałożeniu na ministra właściwego do spraw oświaty i wychowania zadania zapewnienia uczniom klas I-III szkoły podstawowej bezpłatnego podręcznika przeznaczonego do kształcenia zintegrowanego, obejmującego edukację polonistyczną matematyczną przyrodniczą i społeczną oraz wprowadzeniu dotacji celowej dla organów prowadzących szkoły podstawowe z przeznaczeniem na zakup podręczników na nauki języka obcego nowożytnego i materiałów ćwiczeniowych do edukacji wczesnoszkolnej. Zmiana będzie wdrażana stopniowo, począwszy od roku szkolnego:
 - 2014/2015 – w stosunku do uczniów klas I szkół podstawowych,
 - 2015/2016 – w stosunku do uczniów klas II szkół podstawowych,
 - 2016/2017 – w stosunku do uczniów klas III szkół podstawowych;
2. nałożeniu na szkoły podstawowe i gimnazja, począwszy od roku szkolnego 2015/2016, obowiązku zapewnienia uczniom bezpłatnego dostępu do podręczników albo materiałów edukacyjnych zastępujących podręcznik lub materiałów ćwiczeniowych. Zmiana będzie wdrażana sukcesywnie, począwszy od klas IV szkoły podstawowej i klas I gimnazjum. Podręczniki będą własnością organu prowadzącego szkołę i będą wypożyczane uczniom;
3. modyfikacji warunków dopuszczania do użytku szkolnego podręczników, poprzez wprowadzenie zakazu zamieszczania w podręczniku ćwiczeń, zadań i poleceń wymagających wypełniania w egzemplarzu podręcznika, tak aby mógł być przeznaczony do wieloletniego użytku, oraz odesłań do dodatkowych płatnych materiałów edukacyjnych;

6 Ł. Gołębiewski, P. Waszczyk, *Rynek książki w Polsce 2013. Wydawnictwa*, Warszawa 2013, s. 233.

4. wprowadzeniu wymogu, aby szkolny zestaw podręczników obejmował po jednym podręczniku do danego przedmiotu dla jednej klasy (wyjątek od tej zasady przewidziany jest w przypadku podręczników do języków obcych nowożytnych oraz w przypadku podręczników do szkół ponadgimnazjalnych, odpowiednio z uwagi na różne poziomy na których prowadzone jest nauczanie języków obcych nowożytnych w szkołach i zakresy nauczania poszczególnych przedmiotów - zakres podstawowy i rozszerzony). Zmiana w tym zakresie będzie obowiązywać począwszy od roku szkolnego 2014/2015 w stosunku do szkolnego zestawu podręczników do klas I i IV szkół podstawowych, klas I gimnazjum i klas I szkół ponadgimnazjalnych;
5. umożliwieniu rodzicom wpływu na ustalanie szkolnego zestawu podręczników;
6. wprowadzeniu norm porządkujących praktyki marketingowe stosowane przez niektórych wydawców oraz podmioty dokonujące obrotu podręcznikami w celu nakłonienia szkoły do wyboru konkretnego podręcznika, materiałów edukacyjnych zastępujących podręcznik oraz materiałów ćwiczeniowych, a także ograniczających możliwość wprowadzania wymogu łącznego nabywania tych podręczników, materiałów edukacyjnych zastępujących podręcznik oraz materiałów ćwiczeniowych z innymi dodatkowymi materiałami przeznaczonymi dla ucznia, poprzez wskazanie praktyk, które stanowią czyny nieuczciwej konkurencji.

Najważniejszą decyzją jest więc to, że bezpłatne podręczniki do pierwszej klasy szkoły podstawowej, opracowane przez podległy MEN Ośrodek Rozwoju Edukacji, mają być wprowadzone już we wrześniu 2014 r. Do klasy drugiej w 2015 r., a do trzeciej w 2016 r. Natomiast dotowane podręczniki do klas IV-VI szkoły podstawowej oraz gimnazjów będą pojawiać się stopniowo w latach 2015-2017.. Zatem począwszy od roku szkolnego 2017/2018 wszyscy uczniowie szkół podstawowych i gimnazjów mają mieć zapewnione bezpłatne podręczniki.

ŽRÓDŁA

1. Dobrołęcki P., *Przemysł książki w Polsce, Sytuacja na przełomie 2013 i 2014 roku*, Warszawa 2014.
2. Gołębiewski Ł., Waszczyk P., *Rynek książki w Polsce 2013. Wydawnictwa*, Warszawa 2013.
3. *Rynek podręczników w Polsce – skutki administracyjnego regulowania cen*, Instytut Badań nad Gospodarką Rynkową, Warszawa 2006.
4. www.bn.org.pl.
5. www.ircenter.com.
6. www.rynek-ksiazki.pl.
7. www.swresearch.pl.

Informacja dla Autorów

Redakcja „PROSOPON” zaprasza do współpracy Autorów, którzy chcieliby publikować swoje teksty na łamach naszego pisma. Uprzejmie informujemy, że przyjmujemy do publikacji artykuły nie dłuższe niż 20 stron znormalizowanego maszynopisu (1800 znaków ze spacjami na stronę), a w przypadku recenzji – niż 8 stron. Do artykułów prosimy dołączyć streszczenie w języku polskim i angielskim (wraz z angielskim tytułem artykułu) o objętości do 200 słów. Prosimy o niewprowadzanie do manuskryptów zbędnego formatowania (np. nie należy wyrównywać tekstu spacjami czy stosować zróżnicowanych uwypukleń, wycieczek itp.). Sugerowany format: czcionka Arial, 12 pkt., interlinia 1,5. Piśmiennictwo zawarte w artykule należy sformatować zgodnie z tzw. zapisem harwardzkim, zgodnie z którym lista publikacji istotnych dla artykułu ma być zamieszczona na jego końcu i ułożona w porządku alfabetycznym. Publikacje książkowe należy zapisywać:

Fijałkowska B., Madziarski E., van Tocken T.L. jr., Kamilska T. (2014). Tamizdat i jego rola w kulturze radzieckiej. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Rozdziały w publikacjach zwartych należy zapisywać:

Bojan A., Figurski S. (2014). Nienowoczesność – plewić czy grabić. W.S. Białokozowicz (red.), Nasze czasy – próba syntezы. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Artykuły w czasopismach należy zapisywać:

Bobrzyński T.A. (2009). Depression, stress and immunological activation. British Medical Journal 34 (4): 345-356.

Materiały elektroniczne należy zapisywać:

Zientkiewicz K. Analiza porównawcza egocentryka i hipochondryka. Żart czy parodia wiedzy? Portal Naukowy “Endo”. www.endo.polska-nauka.pl (data dostępu: 2014.07.31).

W tekście artykułu cytowaną publikację należy zaznaczyć wprowadzając odnośnik (nazwisko data publikacji: strony) lub – gdy przywołane jest nazwisko autora/nazwiska autorów w tekście – (data publikacji: strony), np.: Radzieckie władze „[...] podjęły walkę z tamizdatem na dwóch płaszczyznach: ideologicznej i materialnej” (Fijałkowski i wsp. 2014: 23). lub: Radziecka prasa, jak stwierdzają Fijałkowski i wspólnicy, „lżyła autorów druków bezdebitowych” (2014: 45). W przypadku przywoływanych tekstów, gdy nie ma bezpośredniego cytowania, należy jedynie podać nazwisko i rok publikacji (bądź sam rok, jeśli nazwisko autora pada w tekście głównym). W odnośnikach w tekście głównym należy w przypadku więcej niż dwóch autorów wprowadzić „i wsp.”, np. (Fijałkowski i wsp. 2014). W tekście piśmiennictwa (tj. alfabetycznie ułożonej literaturze) prosimy wymienić wszystkich autorów danej publikacji. Więcej o zasadach stylu harwardzkiego m.in. na Wikipedii (http://pl.wikipedia.org/wiki/Przypisy_harwardzkie). Uwaga, przypisy krytyczne, inaczej tzw. aparat krytyczny, prosimy w miarę możliwości zredukować do minimum i wprowadzać do głównego tekstu manuskryptu.

Zaznaczamy, że Redakcja nie płaci honorariów, nie zwraca tekstów niezamówionych oraz rezerwuje sobie prawo do skracania tekstu.

Teksty prosimy przesyłać drogą elektroniczną za pomocą formularza na stronie WWW: <http://humanum.org.pl/czasopisma/humanum/o-czasopismie> lub na adres e-mailowy: biuro@humanum.org.pl

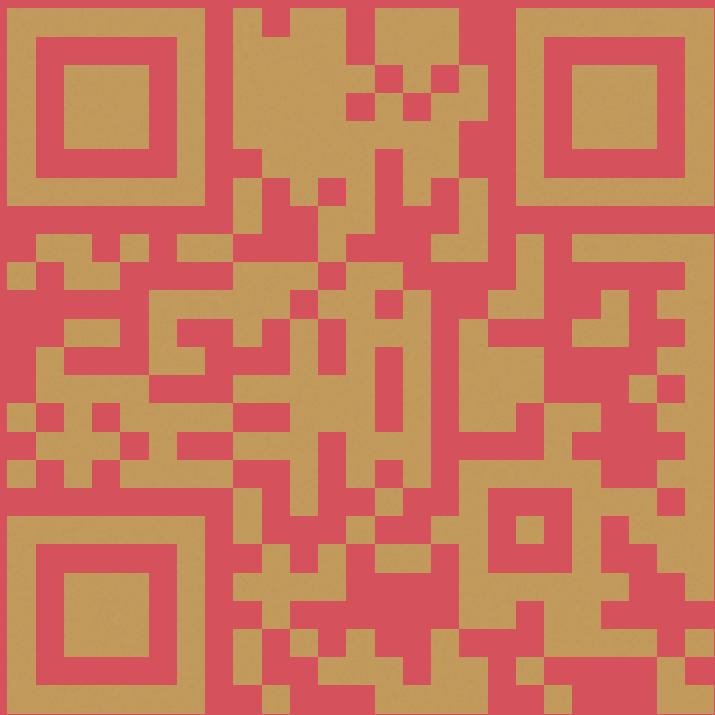
Do tekstu należy dołączyć informację o aktualnym miejscu zamieszkania, nazwie i adresie zakładu pracy, tytule naukowym, stanowisku i pełnionych funkcjach. Każdy tekst przesyłany pod adres Redakcji z prośbą o druk na łamach czasopisma podlega ocenie. Proces recenzji przebiega zgodnie z założeniami „double blind” peer review (tzw. podwójnie lepiej recenzji). Do oceny tekstu powołuje się co najmniej dwóch niezależnych recenzentów (tzn. recenzent i autor tekstu nie są ze sobą spokrewni, nie występują pomiędzy nimi związki prawne, konflikty, relacje podległości służbowej, czy bezpośrednia współpraca naukowa w ciągu ostatnich 5 lat). Recenzja ma formę pisemną i kończy się stwierdzeniem o dopuszczeniu lub niedopuszczeniu tekstu do druku.

W związku z przypadkami łamania prawa autorskiego oraz dobrego obyczaju w nauce, mając na celu dobro Czytelników, uprasza się, aby Autorzy publikacji w sposób przejrzysty, rzetelny i uczciwy prezentowali rezultaty swojej pracy, niezależne od tego, czy są jej bezpośrednimi autorami, czy też korzystali z pomocy wyspecjalizowanego podmiotu (osoby fizycznej lub prawnej).

Wszystkie przejawy nierzetelności naukowej będą demaskowane, włącznie z powiadomieniem odpowiednich podmiotów (instytucje zatrudniające Autorów, towarzystwa naukowe itp.).

Do przedłożonych tekstów z prośbą o druk, Autor tekstu jest zobowiązany dołączyć:

1. Informację mówiącą o wkładzie poszczególnych Autorów w powstanie publikacji (z podaniem ich afiliacji oraz kontyrybucji, tj. informacji, kto jest autorem koncepcji, założeń, metod, protokołu itp. wykorzystywanych przy przygotowaniu publikacji), przy czym główną odpowiedzialność ponosi Autor zgłaszający manuskrypt.
2. Informację o źródłach finansowania publikacji, wkładzie instytucji naukowo-badawczych, stowarzyszeń i innych podmiotów.



Instytut Studiów Międzynarodowy
i Edukacji w Warszawie